

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 23
JULHO 2018

242

EDITORA
AMMAG
www.clubedoaudioevideo.com.br

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

AO GOSTO DO FREGUÊS AMPLIFICADOR EMOTIVA XPA GEN3



REPUTAÇÃO E ÓTIMA RELAÇÃO CUSTO-PERFORMANCE

TOCA-DISCOS ACOUSTIC SOLID 111



E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO
HEGEL H190

CABO INTERCONNECT MAGGINI
DA TIMELESS

HI-END PELO MUNDO

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS
INTERNACIONAIS

MUSICIAN: A MÚSICA SINFÔNICA NO PÓS-ROMANTISMO - VOL. 5

TCL

sempocl.com.br/tcl

NEYMAR JR. É TCL

QLED X6 | P6 4K UHD TV | C2 4K UHD TV



NEYMAR JR.

TCL GLOBAL BRAND AMBASSADOR



4K
ULTRA HD

HDR

RGB

ULTRA
SLIM

METALLIC
FRAME

GLOBOPLAY

NETFLIX

YouTube



ÍNDICE



AMPLIFICADOR EMOTIVA XPA GEN 3

18

EDITORIAL 4

Será que a volta da fita k7 é para valer?

NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 8

Novidades

OPINIÃO 10

Afinal para que serve a metodologia da Cavi?

TESTES DE ÁUDIO

18

Amplificador Emotiva XPA GEN 3

24

Amplificador integrado Hegel H190

32

Toca-discos Acoustic Solid 111



24



32



36

TESTES DE ÁUDIO

36

Cabo interconnect Maggini da Timeless

DESTAQUES DO MÊS - MUSICIAN

Bibliografia: a música sinfônica no pós-romantismo: Brahms e Bruckner (parte I)

42

Bibliografia: a orquestra sinfônica do romantismo

50

Romantismo - a música sinfônica no Pós-Romantismo - vol. 5

54

ESPAÇO ABERTO 58

Fusíveis - uma solução muito interessante

ESPAÇO ABERTO 60

Da pra ser um pouco mais explícito?

VENDAS E TROCAS 62

Excelentes oportunidades de negócios



XX

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

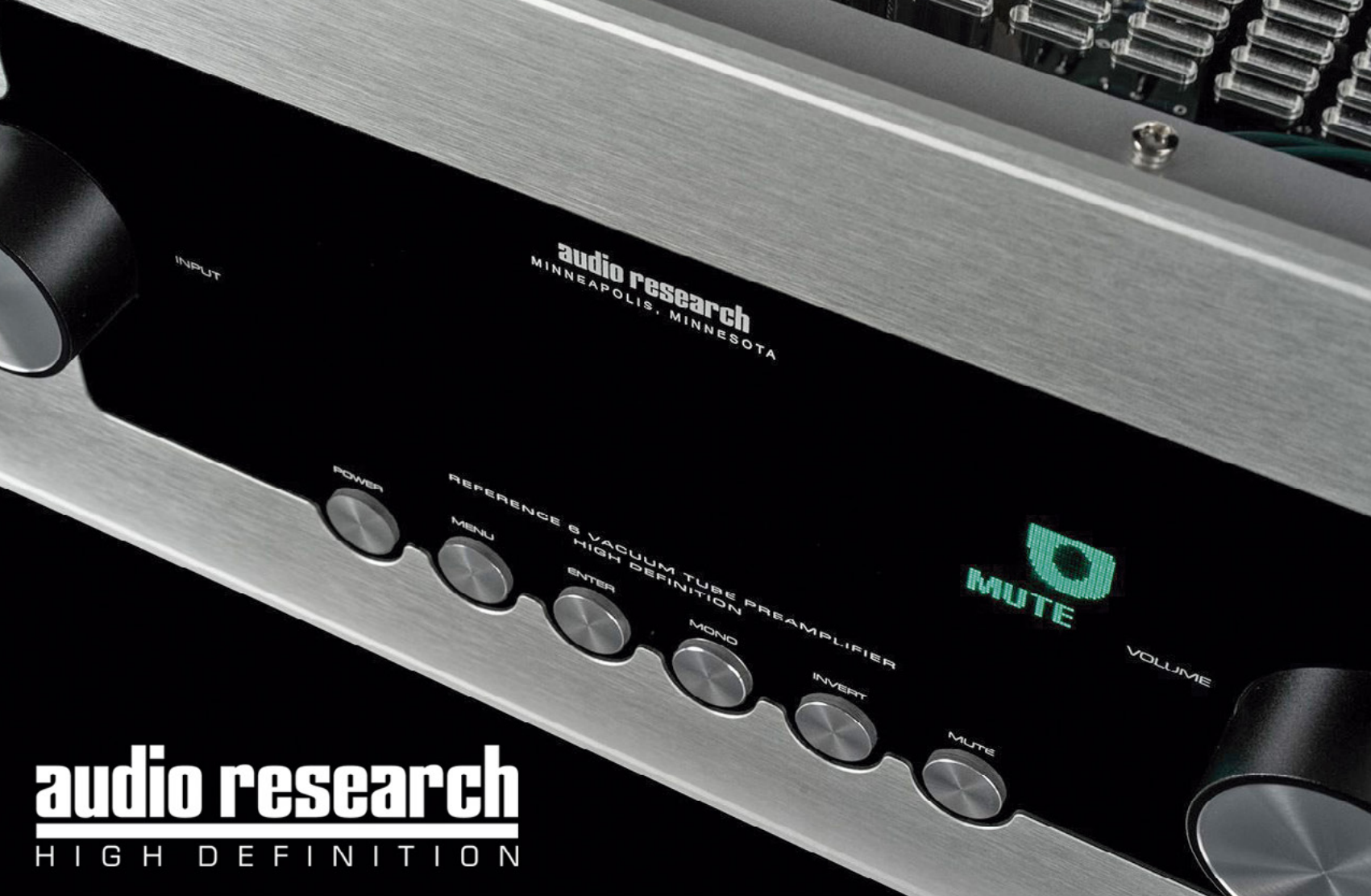
SERÁ QUE A VOLTA DA FITA K7 É PARA VALER?

O humorista Jô Soares tinha um quadro, no seu programa Viva o Gordo, em que um general voltava de um coma e se assustava com todas as mudanças políticas ocorridas enquanto ele estivera acamado. E quanto mais esdrúxula era a notícia, sua única reação era pedir para desligarem o tubo e o deixarem morrer. As notícias referentes à volta da fita K7, começaram a surgir em 2016 e ganharam mais força neste ano, com a confirmação da volta da produção de fitas K7 gravadas que serão oferecidas ao público em embalagens personalizadas e que podem chegar a custar 100 reais! Confesso que me senti como o personagem do Jô Soares, pois de todas as mídias existentes nos anos sessenta e setenta, a fita K7 sempre foi a mais limitada em termos de performance e ainda que tivesse um certo glamour (principalmente com a chegada do Walkman), sempre teve diversos problemas mecânicos e de manutenção. Levante a mão quem teve fitas cassetes e não teve que usar uma caneta Bic para rebobinar a fita manualmente! Ou os que viram sua coleção de músicas se perder, ao esquecer as fitas no carro depois de um dia escaldante de sol tropical! Mas não pensem que nós também não nos rendemos as fitas e gravadores cassetes de melhor qualidade e não fizemos uma matéria a respeito! Sim fizemos! Justamente em nossa edição número zero - lançada em março de 1996 - testamos e comparamos todas as melhores fitas cassete virgens que podíamos encontrar em nosso mercado. Eu mesmo ainda tenho uma caixa fechada de TDK - SA, com mais de 25 anos, entre minhas relíquias, e também uma centena de cassetes gravadas. Mas, do meu último gravador (o que aparece na foto de abertura da matéria, um CT-96 da Pioneer) me desfiz há muitos anos! É fácil entender o crescimento de produção e vendas de LPs e também da volta dos gravadores de rolo, pois ambos sempre tiveram uma magnífica



performance. Mas imagine, meu amigo leitor, que as fitas cassetes e os gravadores em geral possuíam uma resposta de frequência bastante limitada. Para fitas de óxido de ferro (as mais vendidas, baratas e que também eram usadas pelas gravadoras para lançar seus trabalhos nesta versão) respondiam no máximo de 20 Hz a 14 kHz! Isso as melhores fitas e nos melhores gravadores. Essas fitas tinham um outro problema crônico: além do desgaste físico do atrito com o cabeçote do gravador, sujavam o cabeçote de tal maneira que era preciso todo um ritual semanal, com cotonetes e álcool para a limpeza do cabeçote. As fitas de cromo (melhores e de mais alto custo)

sujavam menos, tinham uma performance de resposta superior, mas não era nada hi-end. Outra questão que me leva a acreditar que se trata de uma volta passageira, é que não vejo até o momento nem um fabricante de peso, sinalizando que voltará a produzir Tape-Decks. Ao contrário dos mercados de toca disco e de gravadores de rolo, que não estão dando conta da demanda! Como gosto de esmiuçar em busca de resposta para qualquer nova tendência, lá fui eu olhar os gravadores usados que o mercado oferece. Meu amigo, é assustador, pois os produtos (com rara exceção) estão em condições lastimáveis de conservação. E os cabeçotes (componentes essenciais para a boa reprodução das fitas), encontram-se gastos, riscados e enferrujados. Outro detalhe que me chamou a atenção é que não vi nenhum Walkman nestas lojas de equipamentos usados. E fiquei pensando: será que as pessoas guardaram como recordação? Ou simplesmente jogaram fora, já que não valeria nada como moeda de troca. Como o personagem do Viva o Gordo, se eu acordasse de um coma e me dissessem que a fita K7 voltou com tudo, e que uma fita gravada pode custar em média 100 reais, eu também pediria para desligar o tubo. ■



audio research
HIGH DEFINITION

Audio Research de volta ao mercado brasileiro!



A German Áudio traz de volta ao Brasil uma das marcas de áudio mais consagradas do mundo. Produtos altamente desejados, primorosamente construídos e com um rigoroso processo de qualidade.

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

contato@germanaudio.com.br

german
Áudio
www.germanaudio.com.br



CAIXAS DE SOM À PROVA D'ÁGUA DA SONY CHEGAM AO BRASIL



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KRKO4BO4MYA](https://www.youtube.com/watch?v=KRKO4BO4MYA)

A Sony no início de julho deu início à pré-venda de suas novas caixas de som portáteis. Além de serem totalmente à prova de água, elas são resistentes a poeira, lama e outros resíduos. Graças à certificação IPX67, podem ser mergulhadas e lavadas sem causar problemas no funcionamento.

Os modelos SRS-XB41 e SRS-XB31 possuem autonomia de até 24 horas de bateria, enquanto o SRS-XB21, que completa a linha, chega a 12 horas. Os dispositivos contam ainda com conectividade Bluetooth com NFC, tecnologia Extra Bass embarcada para proporcionar graves mais poderosos, iluminação em LED e equalização de som – recursos que podem ser totalmente controlados pelo smartphone por meio do aplicativo Sony Music Center. ■



Para mais informações:
Sony
www.sony.com.br



O AV Group traz ao Brasil a URC, uma das indústrias pioneiras em sistemas de controle e automação. Completo com controladoras, touchpanels, controles remotos Wi-Fi, sensores e sistemas de multi-room por IP a URC oferece uma solução completa para residências dos mais diversos padrões.

Todos os sistemas se integram nativamente com os sistemas de comando por voz Amazon Alexa e Google Assistant e com as mais respeitadas marcas do segmento como Lutron, Cool Automation, Sonos, Arcam, Emotiva, Lexicon, Zektor dentre outras.

AV GROUP

Novo Contato:
 ☎ +55 11 3034-2954
 contato@avgroup.com.br
 avgroup.com.br

Entre em contato e conheça mais sobre essa e outras marcas do nosso portfólio.





CAIXAS ATIVAS 8C DA DUTCH & DUTCH

Fruto do desenvolvimento da empresa holandesa Dutch & Dutch, as caixas tipo bookshelf ativas modelo 8c se propõem a ser uma solução all-in-one, com design e concepção acústica, segundo a empresa, para prover neutralidade, precisão e equilíbrio tonal. As 8c trabalham no domínio digital, com DAC de alta-qualidade e amplificadores internos para cada falante, com processamento DSP, além de subwoofers na parte de trás - respondendo à partir de 35 Hz e com volumes de som até 106 dB. O preço do par de 8c é de €9950. ■

www.dutchdutch.com

TOCA-DISCOS TANGENCIAL ZEPHYR APOLLO

Um dos mais recentes toca-discos procurando apoio de 'crowdfunding' é o Zephyr Apollo, com prato acionado por correia (belt-drive) e braço tangencial, de tracionamento linear - que garante que o ângulo de entrada da agulha no disco seja o correto e seja igual, da primeira à última faixa. O Zephyr Apollo será controlado por computador e acionado através de uma tela sensível ao toque - sistema que pode ser operado sem-fio, através de um app Bluetooth em um smartphone. O preço final estimado do toca-discos será de US\$ 2100. ■

<https://kck.st/2NKAT27>



TOCA-DISCOS MANUAL LOGIGRAM

O grupo de design DEFOSS lançou a campanha - por 'crowdfunding' - para a fabricação de seu toca-discos de vinil Logigram, de operação manual. O Logigram já vem com a cápsula instalada e regulada (disponível em três opções de base e de cápsulas, as quais variam entre Audio-Technica e Ortofon linha 2M), motor síncrono e tração do prato por correia, e três opções de base anti-ressonante de 30 mm: MDF, plywood ou um sanduíche das duas. O braço é totalmente manual, impresso em 3D, e tem regulagens de peso, VTA e anti-skating. O preço dos modelos do Logigram varia entre €459 e €729. ■

www.defoss.com





CAIXAS ACÚSTICAS HYLIXA DA NODE AUDIO

A empresa britânica Node Audio lançou as caixas acústicas modelo HYLIXA, que trazem uma série de inovações de design e desenvolvimento. Seus gabinetes são feitos em impressão 3D por uma fusão à laser de partículas de vidro e nylon, com estrutura interna de forma helicoidal - para uma superior reprodução de graves - perfazendo um gabinete tipo Linha de Transmissão. As HYLIXAs vêm equipadas com um woofer interno, um médio de banda larga tipo BMR e um tweeter tipo ring-dome-radiator. O preço das belas HYLIXAs é de £27,000, no Reino Unido. ■

www.node-audio.com

COLTRANE BOTH DIRECTIONS - O ÁLBUM PERDIDO

Um dos mais célebres saxofonistas de jazz do planeta é o compositor americano John Coltrane, cuja curta carreira deixou sua marca no jazz até hoje. Em março de 1963, Coltrane entrou nos estúdio de Rudy Van Gelder, com a formação chamada de Quarteto Clássico - com McCoy Tyner, Jim Garrison e Elvin Jones. As fitas dessa sessão de gravação ficaram perdidas por décadas e foram descobertas em 2005 dentre o espólio a ser leiloadado da primeira esposa do músico. Chamado aptamente de Both Directions, por pegar um período transicional da carreira de Coltrane, o disco agora sai, recém masterizado, tanto em CD duplo como em vinil, e pode ser encontrado nas melhores lojas de discos. ■

www.impulse-label.com



AMPLIFICADOR INTEGRADO KRELL K-300I

A tradicional empresa americana Krell acaba de lançar seu mais recente modelo de amplificador integrado, o K-300i que traz, segundo a empresa, uma nova topologia recém desenvolvida que incorpora a tecnologia iBias - resultando em operação em Classe A sem a produção de excesso de calor e o alto consumo associados à essa topologia. Equipado com um transformador de 770 VA, o K-300i provê 150 W em 8 Ohms e 300 W em 4 Ohms, e é oferecido na versão 'Analogica' (apenas com entradas analógicas) ou na versão 'Digital' (com DAC e Streaming internos e toda a conectividade e compatibilidade). O preço do K-300i 'Digital' é de US\$ 7.995, nos EUA. ■

www.krellonline.com





AFINAL PARA QUE SERVE A METODOLOGIA DA CAVI?

XX Fernando Andrette
fernando@clubedeaudio.com.br

Lançada em 1999, a metodologia da CAVI ainda hoje é motivo de muita controvérsia e ocasiona discussões calorosas nos fóruns especializados. Ainda que soubesse dos riscos que teria com a implantação de uma metodologia de testes na revista, não criá-la seria um erro que não poderíamos correr. O fato de por três anos realizarmos testes na revista e nos ‘escondemos’ atrás de estrelas para qualidade sonora, custo e performance rapidamente causou distorções difíceis de solucionar.

Claro que é muito mais fácil pontuar todos os produtos testados com uma variação de uma a cinco estrelas para som, custo e performance, ainda que soubéssemos desde o primeiro momento que as empresas importadoras que trazem seus produtos de forma inteiramente ‘legal’ seriam muito prejudicadas quando produtos similares fossem comparados no quesito custo com os produtos que chegam de forma ilegal no mercado (ou será que algum consumidor que arrisca gastar menos, ainda não percebeu que o produto comprado desta forma muitas vezes leva meses para chegar em sua casa. E este dito ‘importador’ tem sempre uma resposta na ponta da língua para justificar a demora na entrega do produto). Não estou discutindo margens de lucro dos importadores, afinal cada um sabe o custo que tem e o quanto necessita para manter sua empresa funcionando de forma legal. O que estou afirmando é que não é possível alguém ainda achar que

comprar um produto hi-end no Brasil com garantia, assistência técnica e pós-venda, possa custar o preço do produto nos Estados Unidos ou apenas 40% a mais! Qualquer um que saiba somar e conheça a carga tributária existente no País verá que o produto para chegar aqui de forma legal simplesmente dobra em relação ao preço no mercado americano. Interessante que o audiófilo reclama do preço do produto no Brasil, mas na hora de comprar um carro importado, um barco ou um avião, ele não pede para o importador baixar o preço e nem ousa dizer que está caro ou é um roubo!

Voltando ao tema, com as distorções apresentadas nos três primeiros anos de existência da revista, em que produtos similares tinham até três estrelas de diferença no quesito custo, quando um era importado de forma legal e o outro por debaixo do pano, decidimos que era preciso fugir da fórmula de pontuação por estrelas e criar uma metodologia que focasse na performance geral do produto, muito mais que no seu preço final (pois sabia que passaríamos anos ou décadas sem ver o problema do contrabando solucionado).

Até a apresentação da metodologia para os nossos leitores foram dois anos de discussões internas, com a participação dos nossos principais colaboradores. Em princípio, tínhamos em mente apresentá-la por etapas, algo como de três em três tópicos, buscando dar tempo para o leitor

NAGRA

NO BRASIL



HD AMP



HD DAC

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio
www.germanaudio.com.br

www.wjrdesign.com

assimilar a mudança editorial que estávamos propondo. Porém, à medida que a metodologia foi sendo construída e discutida internamente, ficou claro para todos que o melhor era apresentá-la por completo e fazer a implantação em sua totalidade. O único quesito que ficou de fora foi o de timbre, que acabou sendo absorvido pelo quesito equilíbrio tonal.

O impacto da apresentação da nossa metodologia foi imediato, com muitos leitores aprovando as mudanças, outros se omitindo e uma parcela se colocando contrário à fórmula escolhida. Esses que se indispuseram alegaram que uma avaliação de um produto de áudio é algo extremamente subjetivo, e que querer dar um caráter objetivista a esta avaliação é algo que fere a razão da existência da audiofilia. Passado o impacto inicial, vimos que seria prudente a criação do curso de Percepção Auditiva, justamente para explicar a metodologia a todos que quisessem utilizá-la pessoalmente. No curso, até hoje houve 32 turmas, com média de 50 participantes por turma, o que nos mostra um número considerável de leitores dispostos a conhecer nossa metodologia e aplicá-la no seu dia a dia para o ajuste do seu sistema ou na escolha de futuros upgrades. Além disso, mantemos ininterruptamente, desde a nossa primeira edição, um canal de consultoria permanente com nossos leitores, com mais de 43 mil consultorias atendidas! São números realmente expressivos e que mostram de forma consistente que para uma parcela considerável dos nossos leitores a metodologia da CAVI é importante.

Ainda assim, muitos leitores possuem dúvidas se esta metodologia pode ser considerada em algum dos seus aspectos objetiva ou se é apenas um devaneio nosso de querer dar um caráter objetivo a algo que é puramente subjetivo. Para isso, pedirei um pouco da paciência de todos, pois terei que apresentar de forma detalhada e minuciosa o nosso dia a dia. Talvez essa apresentação sirva também como nosso cartão de visita aos mais de 500 mil novos leitores da Musician Magazine, que devem achar a *Áudio Vídeo Magazine* uma revista de um bando de malucos que acreditam que vale a pena comprar uma caixa de 100 mil reais para ouvir música! Vamos lá.

Todo produto, assim que chega à redação da revista, vai imediatamente para a nossa sala de testes, onde lá é aberto, inspecionado e verificado se não foi danificado no transporte e se está com todos os acessórios e o manual técnico; se algo de anormal for verificado, a informação é imediatamente passada ao importador por e-mail e telefone. Após essa avaliação visual, o produto é instalado em nossa sala, é ligado e são feitas as primeiras impressões, que podem durar de duas a seis horas. Toda essa avaliação inicial é anotada, com data, horário de início e encerramento no sistema de referência da CAVI, com o detalhamento dos cabos e das músicas que foram escutadas.

Após a definição da queima inicial (geralmente indicada pelo fabricante ou pelo importador), o produto volta para a sala de testes, sendo novamente ligado no sistema de referência com o mesmo setup de cabos, e nova audição é feita (com as mesmas músicas e o mesmo volume). Caso a queima tenha sido satisfatória, o produto segue para o teste. Ou seja, todos os produtos testados pela CAVI passam pela nossa sala de testes antes de seguir para o articulista, que se responsabilizará pelo teste final. Junto

com o produto segue um briefing resumido das principais características do produto, com preço, acessórios etc. Neste primeiro momento evita-se dar dicas da assinatura sônica do produto, para não tirar a liberdade do articulista.

Passado duas semanas, trocamos com o articulista suas primeiras impressões, a sinergia com o seu sistema e possíveis dúvidas que esteja tendo em relação ao produto. Já nesta fase, caso julgue conveniente, ele pode usar nossa sala de testes, caso contrário ela será usada para a pontuação final do produto. Em todos os testes publicados, a nota final é discutida entre o articulista e a editoria, e caso haja grandes divergências entre as observações feitas no sistema e na sala dele, o produto volta para a sala de testes para podermos chegar com segurança à nota final do produto.

Todos os nossos atuais articulistas possuem sistemas bem ajustados e sinérgicos, com elétrica e acústica da sala tratada, tendo classificação no mínimo categoria Diamante! Sem esses cuidados preliminares, a metodologia não teria como funcionar corretamente e nem poderíamos repetir 'ad infinitum' nossas observações dos produtos avaliados. O que isso realmente significa? Significa que se algum importador ou fabricante tiver dúvidas de nossa avaliação, ele pode acompanhar o teste e ver integralmente como é realizado.

Quando leio nos fóruns que não faz sentido dizer que tal produto possui menos extensão nos agudos, pois cada um escuta de uma maneira diferente e que não existe um ouvido igual ao outro, observo como essa argumentação carece de sentido lógico. Pois afinal, se cada um escuta de uma maneira, como seríamos aptos a reconhecer o som dos instrumentos? Se por treinamento qualquer criança pode reconhecer com enorme facilidade diversos instrumentos, o que impede um ouvido treinado de reconhecer que o produto A possui maior extensão que o produto B? Colocarei a questão de outra forma a todos que se escondem atrás da subjetividade. É objetivo ou subjetivo perceber auditivamente que o violão de Jacques Stotzem na faixa 4 do CD 'Straight On' é de corda de nylon, sendo que em muitos produtos ou até em sistemas classificados como hi-end ele parece ser de corda de aço? Ou em outras situações, quando o violão começa soando com corda de nylon, passa para corda de aço e encerra com corda de nylon! Outro exemplo: é objetivo ou subjetivo observar que no CD da Diane Schurr, 'Love Walked In', faixa 3, no solo de piano em produtos e sistemas com equilíbrio tonal correto, o som da última oitava do piano da mão direita jamais tem som de vidro? E por qual razão esses excelentes exemplos não podem ser utilizados 'objetivamente' para se avaliar equilíbrio tonal e timbre do aparelho em teste?

É objetivo ou subjetivo perceber que em determinados produtos e sistemas o CD do pianista Nelson Freire, 'Chopin', nas faixas 4, 12 e 14, existe uma dificuldade de acompanhar a velocidade das mãos direita e esquerda, dando-nos a nítida sensação de atropelamento? E pergunto: Por qual razão, tão brilhante exemplo não pode ser usado objetivamente para se avaliar transientes, micro e macrodinâmica de um produto? Outra pergunta para os audiófilos subjetivistas: Por qual razão deixaria de usar o CD de Arnold Schoenberg, 'Noite Transfigurada', versão para orquestra, com regência de

Daniel Barenboim e a Orquestra Sinfônica de Chicago, para avaliar objetivamente como o produto em teste se comporta no quesito corpo harmônico? Já que os engenheiros do selo Teldec captaram magistralmente o naipe de cordas de forma tão impressionante, este mesmo exemplo também pode ser utilizado para avaliação de planos. Espetacular é ouvir o tamanho da orquestra em um sistema correto, e chocante é a pequenez em um sistema pobre em corpo harmônico! Será que ouço algum subjetivista reclamar que o tamanho da orquestra é um gosto meramente pessoal?

Vamos em frente: É objetivo ou subjetivo ouvir a ambiência da gravação de Stravinsky para 'A História de um Soldado', com regência de Boulez e a Orquestra de Cleveland, e observar que em um sistema ou produto com excelente extensão nos agudos e decaimento suave e correto se escuta até mesmo os rebatimentos das paredes laterais, possibilitando excelente conforto auditivo e foco preciso de cada instrumento? Ouço outra manifestação, dizendo que isso não interessa, que o importante é só a música. E agora, finalmente tenho que concordar. Isso sim é subjetivo. E jamais tivemos a intenção de dizer aos nossos leitores o que e como ouvir.

Nossa metodologia tem um único objetivo: ser uma avaliação segura de como determinado produto se comporta em um ambiente adequado com um sistema sinérgico e coerente. E sendo feita a avaliação objetiva, posicioná-lo dentro do macro universo de produtos já testados por nós! Não temos nenhuma pretensão de sermos donos da verdade. Pelo contrário, o que almejamos é ajudar nossos milhares de leitores a ter um 'norte' para que possam realizar upgrades seguros, dentro de suas expectativas e gostos! Afinal, o que mais escutamos nesses 22 anos dos nossos leitores é a enorme dificuldade de ouvir em condições ideais os produtos que desejam comprar. E este infelizmente é um problema que não tem solução no curto espaço de tempo, pois falta infraestrutura básica para a solução do problema.

Já que cheguei até aqui, vou tocar em outro ponto espinhoso para muitos audiófilos. O ego! Quando era criança, ouvi pela primeira vez a frase: 'O que o audiófilo mais gosta é da sua própria voz'. O audiófilo é um ser vaidoso, totalmente egocêntrico, que possui a necessidade de mostrar aos amigos que seu sistema é único! E se suas expectativas não forem endossadas pelos amigos, ele se enfurece, tornando-se um ser atormentado pelo fantasma da rejeição! Muitas vezes se esquece de que a crítica ao seu sistema pode não ser verdadeira; pelo contrário, pode ser fruto de pura inveja! Meu pai já dizia, para conhecer a natureza de um audiófilo, basta ver como ele irá reagir às críticas! Raramente vi em toda a minha vida um audiófilo reagir bem a uma crítica. Os seguros são uma verdadeira minoria. Mas felizmente eles existem, e quem sabe um dia existirão em maior número, para deixar o mundo audiófilo um pouco mais leve e descontraído.

Meu pai tinha uma estratégia brilhante para saber se o audiófilo que iria atender era seguro e possuidor de larga experiência musical. Ele sempre levava no primeiro contato com o novo cliente dois ou três LPs de excelente qualidade técnica, mas com músicas difíceis de serem reproduzidas em sistemas que não estivessem bem ajustados. Resultado: na maioria esmagadora das vezes, os audiófilos com sistemas ruins jogavam a culpa

na gravação. Alguns ficavam tão indignados com o meu pai que acabavam dispensando seu serviço. Ele achava ótimo que isso ocorresse na primeira visita, pois o poupava de atender um cliente que provavelmente jamais saberia o que realmente deseja. Este era o tipo de cliente que não lhe interessava. Levei anos para entender sua agudeza de raciocínio e lógica, mas quando compreendi não abri mão também de utilizá-la na CAVI. E tenho feito isso sistematicamente através da CAVI Records e com todos os discos por nós encartados na revista.

Agora que vou tornar pública a fórmula, certamente perderemos alguns leitores, porém muitos ficarão felizes de saber que nossa objetividade é coerente em todas as nossas ações desde a edição número zero! Adoro quando um leitor me aborda nos corredores para dizer o quanto os discos da CAVI soaram ruins em seu sistema, ou faz algum comentário que o CD só deu para ouvir no som do carro! Vejo o ar de satisfação do indivíduo ao falar com o 'pai da criança' o quanto o disco soou ruim em seu sistema. A questão é que os discos da CAVI só soarão ruins em sistemas desajustados. Em um sistema correto, sempre soarão muito bem! Aliás, o que mais escuto nos intervalos dos cursos de Percepção Auditiva é: 'Como é que no sistema apresentado os discos da CAVI soaram bem?' Outro exemplo fantástico é o CD do contrabaixista Ron Carter, 'The Ron Carter Nonet', gravado pelo selo japonês JVC: é uma daquelas gravações complexas que só irão soar maravilhosamente em sistemas bem ajustados; e quando falo bem ajustados, não estou falando de sistemas Estado da Arte: coloco neste pacote sistemas a partir de Ouro Referência.

Aqui vai outra pergunta: É possível uma gravação tecnicamente ruim soar espetacular? É óbvio que não! Mas uma gravação espetacular pode soar ruim? Claro! E isso ocorre muito mais do que imaginamos. Mas como o audiófilo tem por hábito jogar a culpa sempre na gravação quando esta não soa bem em seu sistema, poucos se dão conta de que essas gravações ditas 'polêmicas', que soam magistralmente bem em determinados sistemas e mal em outros são justamente as que deveríamos possuir como bússolas ou um cantil de água fresca em pleno deserto do Saara! Elas podem ser a resposta há anos de procura intensa para o ajuste fino do nosso sistema, mas que por preconceito as colocamos na vala comum. O problema é que muitos audiófilos querem sempre ter uma porta de saída para acabar com a conversa quando começam a se mostrar incomodados, dizendo que tudo é meramente uma questão de gosto. E novamente tenho que discordar, pois o gosto é importante apenas na escolha entre dois produtos similares em tudo (qualidade sonora, preço, garantia etc.). Quando se trata de produtos similares, mas com características sônicas diferentes, ter a ajuda ou informação correta de uma revista que possui uma metodologia coerente pode ser de extrema importância, principalmente quando o consumidor não tem a possibilidade de escutar em condições adequadas o produto que deseja.

Quando recebo e-mails de novos leitores e assinantes nos perguntando qual a melhor maneira de desfrutar de nossa metodologia, ou das edições de Melhores do Ano, sempre lhes digo que o nosso objetivo é apenas de dar um sentido ou rumo às suas buscas, procurando interferir o mínimo

OPINIÃO

possível. Isso às vezes até causa algum estresse com os novos leitores, mas eles precisam entender que a escolha final será exclusivamente deles, pois existe um limite que podemos chegar. Afinal, quem irá conviver com os sistemas são eles.

Espero ter tido mais sorte desta vez no esclarecimento de nossa tão comentada metodologia. Ela não só é integralmente objetiva, como foi desenvolvida para os resultados poderem ser repetidos quantas vezes forem necessários. O único quesito que permite certa manobra de subjetividade é no quesito musicalidade, porém lembro a todos que em um produto com uma nota baixa de equilíbrio tonal e texturas (menor que oito), não terá como ter uma nota alta de musicalidade, pois para um produto hi-end ser musical, tudo que ele não pode ter é um equilíbrio tonal torto e ser pobre na apresentação de texturas. E faz todo sentido que seja assim, pois para o cérebro achar algo agradável sonicamente, a sensação de naturalidade e reconhecimento dos timbres dos instrumentos para aquele maior conforto auditivo passam obrigatoriamente por um equilíbrio tonal correto e texturas precisas.

Não haverá audiófilo no mundo que achará um produto musical sem a correta apresentação do equilíbrio tonal e das texturas, ainda que ele passe o resto de sua vida acreditando no contrário! E isso, creia ou não, amigo leitor, não tem nada a ver com anatomia da audição, neurológica ou o nome que queira dar. Tudo é apenas uma questão de aprendizagem, treinamento,

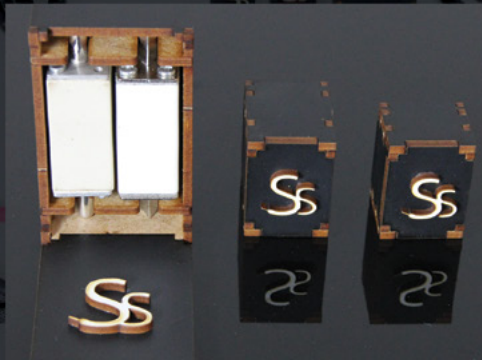
metodologia e objetividade. Todos podem ouvir o detalhe utilizado para a avaliação de um dos nossos quesitos, ou também perceber a ausência dele no produto avaliado. Como eu sei? Fiz este teste com as primeiras turmas do curso de Percepção Auditiva, tocando o CD da Shirley Horn, 'You Wont Forget Me', faixa 11. Eram turmas com mais de 60 participantes, em que colocava a faixa para tocar e mostrava o detalhe que queria que observassem. Depois eles tinham que escrever em suas apostilas quantas vezes aquele detalhe tinha ocorrido, até não se escutar mais! Mais de 70% da sala sempre acertou de primeira o exemplo. E 100% da sala acertou na segunda tentativa. Esse é um exemplo utilizado até hoje por nós para a avaliação de textura e microdinâmica. Caso você se interesse pelo teste, faça-o em casa. Diga-me: aos 29 segundos, o prato de condução do baterista que estará no canal esquerdo (na verdade, se o soundstage for preciso entre o centro e o canal esquerdo) ficará soando como se fosse ondas, cada vez mais sutil. Quantas vezes essas ondas soam até você não ouvi-las mais? Se for menos de dez, meu amigo, seu sistema ou parte dele está ruim na reprodução de texturas e microdinâmica. Se for mais de 13, parabéns, seu sistema está muito bem nesses dois quesitos!

Deixo então minha última pergunta: Descobrir com absoluta certeza a qualidade da reprodução de microdinâmica e textura do seu sistema utilizando um exemplo como esse é, para você, objetivo ou subjetivo? ■



Sax Soul Cables

Extraia todo o potencial do seu sistema.



Quantas empresas no mercado hi-end chegam aos 90 anos, com tanta vitalidade e reconhecimento? Em 2014, a Luxman completou 90 anos de vida! Seu maior desafio em um mercado tão competitivo e dinâmico foi manter-se como um dos principais pilares de referência no desenvolvimento de produto com design, tecnologia e performance excepcionais. Para uma data tão significativa, seus engenheiros desenvolveram o pré-amplificador C-900U e o power amplificador M-900U.

INPUT SELECTOR



C-900U

Control Amplifier

M-900U

Stereo Amplifier



Agende um horário e venha conhecer os produtos Estado da Arte da Luxman, em nosso showroom.



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Luxman L-590AX MKII - 93 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.229
Mark Levinson N°585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221
Sunrise Lab V8 MK4 - 92,5 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.234

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Luxman C-900U - 98 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.232
Mark Levinson N°526 - 98 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.228
Luxman CL-38u - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.218

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185
PS Audio BHK Signature 300 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.224

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Tom Evans The Groove 20th Anniversary - 91 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.185
VTL TP 6.5 Signature - 89 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.156

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Mark Levinson N°519 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.230
dCS Rossini - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.226
Luxman D-08u - 91 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.213
dCS Paganini - 90 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.131

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Vídeo - Ed.196
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174
Ortofon Cadenza Black - 90,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.216

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193
Revel Ultima Salon 2 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.229

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240
Sax Soul Ágata - 100 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.228
Sunrise Lab Reference Magic Scope - 95 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.236

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211
Sax Soul Ágata - 99 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.217
Sunrise Lab Reference Magic Scope - 94 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.236
Ortofon Reference Blue - 91 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.235



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não amplificada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE

1

AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MNST5JE3414](https://www.youtube.com/watch?v=MNST5JE3414)



AMPLIFICADOR EMOTIVA XPA GEN 3

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Nosso leitor assíduo já notou que, ao longo dos últimos meses, temos publicado vários testes com produtos do fabricante norte americano Emotiva. Ainda que por aqui seja uma marca relativamente nova, nos Estados Unidos e Canadá ela tem recebido numerosos testes muito positivos, por agregar em todos os seus produtos excelente relação custo-benefício.

E, para dias tão bicudos como os estamos vivendo, soa como música o mercado oferecer produtos que cabem em nosso orçamento tão reduzido.

O representante da marca no Brasil, a AV Group, nos enviou a linha completa de eletrônicos, caixas e subwoofers. E ainda publicaremos as avaliações do pré de linha e do subwoofer.

Hoje queremos apresentar o power Emotiva XPA Gen3, um power com excelentes reviews lá fora e que também nos encantou pela construção e performance. O XPA Gen3 pode ser comprado com dois canais e o usuário pode ir encomendando os módulos de potência adicionais, até seis canais.

Na versão dois canais deste teste, o fabricante informa que sua potência nominal é de 300W em 8 Ohms, 550 W em 4 Ohms ou 800 W em 2 Ohms. Ainda que possua um gabinete relativamente avantajado, ele é relativamente leve, pois sua fonte de alimentação é chaveada, não possuindo transformadores.

O fabricante chama a topologia de classe H, que aumenta a eficiência e minimiza a necessidade de grandes dissipadores de calor. Seu painel frontal é bastante discreto, com leds azuis quando ligado e um contorno também azul em volta do botão no centro do painel abaixo do visor.

No painel traseiro temos a tomada de IEC, um pequeno interruptor para desligar os leds frontais, os terminais de caixa nas pontas do painel traseiro e as entradas XLR e RCA. As gavetas para os futuros módulos encontram-se parafusadas, sendo de fácil acesso para a instalação deles pelo próprio usuário.

Segundo o fabricante, a impedância de entrada do XPA Gen3 é de 33 kOhms e o fator de amortecimento é maior que 500 em 8 Ohms. ►

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Prés de linha: Dan D'Agostino e Emotiva XRP-1. Fontes digitais: CD-Player Emotiva ERC-3 (leia teste na edição 240) e sistema digital dCS Scarlatti. Caixas Acusticas: Emotiva T-1, Kharma Exquisite Midi e DeVore Gibbon 88 (leia teste na edição 241). Cabos de interconexão: Transparent Opus G5, Sunrise Lab Quintessence e Sax Soul Ágata. Cabos de caixa: Sunrise Lab Quintessence e Transparent Reference XL MM2. Cabos de força: Transparent PowerLink MM2.

Puxando pela memória acho que os últimos powers que testei com fontes chaveadas foram os Jeff Rowland, no final do século passado. Ainda que o Gen3 seja muito mais usado para quem deseja montar um setup de home-theater com maior qualidade, tenho visto nas redes sociais muitos usuários investindo também em sistemas estéreo.

Lí o testemunho de um audiófilo do Canadá que comprou o Gen3 com quatro módulos de amplificação, para bi-amplificar suas caixas, com resultados que o satisfizeram plenamente!

Como todos os produtos enviados vieram lacrados, fizemos uma primeira audição e depois deixamos amaciando por 100 horas. Ainda que frio, sua apresentação, assim que instalado, foi bastante positiva. Som equilibrado, com boa transparência, porém com pouca profundidade e os extremos bem engessados. As 100 horas de queima fizeram muito bem ao Gen3: eles ganharam extensão, o som melhorou em relação à profundidade e largura do palco, e os graves apareceram com maior peso e velocidade, porém os agudos continuaram tímidos e com pouca extensão.

Decidimos que mais 100 horas de amaciamento seriam necessárias. Ao voltar para a sala de teste com todo o setup Emotiva (inclusive as caixas), o Gen3 melhorou da água para o vinho. Ganhou corpo na região médio-grave, apareceu a extensão para notarmos com maior facilidade a ambiência e o respiro nos agudos, e o som se tornou muito mais agradável para audições mais prolongadas.

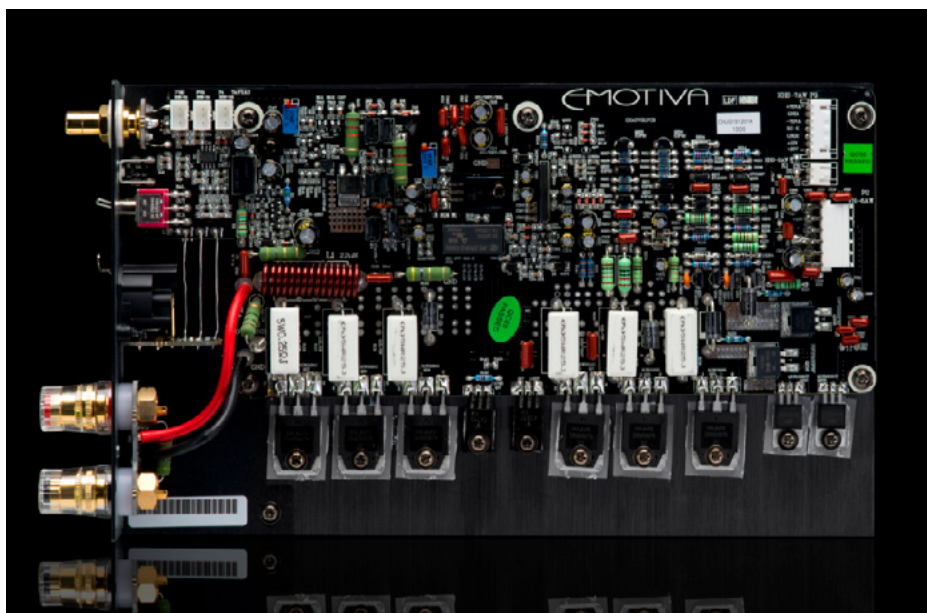
A primeira parte do teste (com duração de duas semanas, com a passagem de todos os discos da nossa metodologia) foi feita exclusivamente com o setup Emotiva. As caixas tipo coluna T1 se comportaram de forma impecável, mostrando todas as qualidades que ouvimos no teste da mesma. Essa coluna não para de nos surpreender, pois possui muito bom equilíbrio tonal, e gosta de ser colocada à prova em qualquer gênero musical.

Pelo que custa é um verdadeiro best-buy! Amigos músicos e melômanos que a escutam, colocam em sua lista de opções para futuros upgrades. Com o power Gen3 a T1 se sente totalmente à vontade!

A assinatura sônica de toda a eletrônica Emotiva permite ao consumidor (seja ele audiófilo ou melômano), audições sempre confortáveis e com baixo índice de fadiga auditiva. Fica bem nítido que o projetista da Emotiva optou por uma assinatura em que o equilíbrio seja sempre preservado.

Então, meu amigo, não espere uma transparência absoluta, ou extremos em que você escuta até o pianíssimo do pianíssimo. Não é essa a proposta da Emotiva. Mas, se você quer simplesmente ouvir seus discos com qualidade, boa inteligibilidade e conforto auditivo, sem penhorar casa, carro e jóias, eis uma excelente opção.





No setup todo Emotiva, a beleza está em você querer ouvir de novo aquele disco que tanto aprecia, poder abrir o volume um pouco mais, e ter a surpresa de ouvir que o sistema suporta esse desejo. O Gen3 possui energia de sobra e autoridade para não se dobrar em passagens mais complexas. É extremamente correto e, quando lembramos do seu preço, aí que o valorizamos ainda mais!

Suas limitações, como já pincei nas linhas acima, estão no soundstage, que não é tão pleno como nos powers hi-end Estado da Arte, na apresentação e extensão dos extremos nas duas pontas e, óbvio, no seu silêncio de fundo, que não permite a apreciação do detalhe do detalhe na micro-dinâmica. O problema é que essas “pequenas virtudes” nos colocam sentado em frente ao nosso gerente de banco, na tentativa de realizar esses pequenos ‘caprichos’. Então, para quem não deseja se endividar, mas necessita de um upgrade no seu power, sugiro uma audição detalhada do Gen3.

OUVINDO O GEN3 COM OUTRA ELETRÔNICA

Depois de ouvir por duas semanas o Gen3 com seus pares, estava na hora de misturar as cartas e fechar nossa avaliação, descobrindo o teto de performance do mesmo. Muitos dos leitores nos questionam a razão de pegarmos produtos de performance mais limitada e ouvir em nosso sistema de referência. É justamente para aplicar a lei do elo mais fraco, meu amigo. E ser justo com a pontuação final do produto em teste.

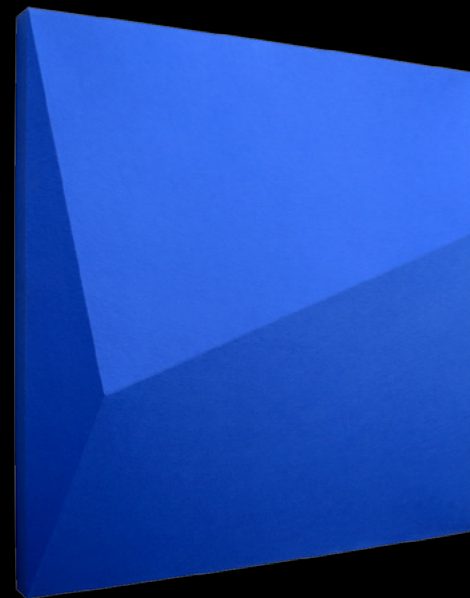
Na segunda parte tiramos os Emotivas (exceto a caixa T1, no primeiro momento) e substituímos pelas nossas referências. Sempre há surpresas em observar o elo mais fraco, sempre!

O Gen3 ao ligá-lo ao nosso sistema de referência, mostrou-se superior tanto ao pré de linha Emotiva como ao CD-Player Emotiva. Ganhou camadas de profundidade nos planos na reprodução de música sinfônica, ampliou sua extensão e decaimento muito maior nos agudos, e o grave mais velocidade, maior deslocamento de ar e corpo!

O único quesito que não mostrou grandes diferenças foi na micro-dinâmica. Pela nossa metodologia, para você que começou a nos acompanhar recentemente, essas mudanças audíveis são responsáveis por dois pontos a mais no fechamento da nota do Gen3. Ainda que pareça irrisório, é significativo, podendo muitas vezes alterar a categoria do produto. ▶

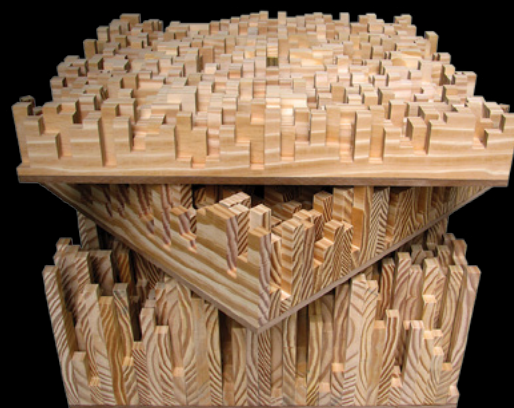


Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Axabó oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi *e*xperience
www.hifiexperience.com.br

Conseqüentemente, essas melhoras aumentaram o conforto auditivo e nos permitiram exigir ainda mais das caixas utilizadas no teste.

O Gen3 teve autoridade absoluta em relação às três caixas utilizadas (T1, DeVore Gibbon 88 e Kharma). É o tipo de amplificação que não se curva a nenhum gênero musical. E controla as caixas com mão de ferro.

CONCLUSÃO

O mercado está recheado de excelentes opções de amplificadores integrados, powers e caixas acústicas. O gargalo se encontra na escolha de pré-amplificadores e CD-Players. Parece que esses dois produtos andam em baixa no mundo todo. A esmagadora maioria das consultorias que recebemos semanalmente é relativa a upgrades nos integrados, powers e caixas. Sempre respondo que esses três itens não são um problema, pois as opções atendem a todos os gostos e bolsos.

O que o leitor necessita é de se munir de paciência e não se furtar a fazer uma minuciosa pesquisa, antes de sair comprando. Com calma e disposição para ouvir na casa de amigos, nos show-rooms, ele certamente achará o produto que tanto deseja. Para aqueles que possuem o sonho de bi-amplificar suas caixas, mas possuem espaço reduzido e orçamento apertado, diria para colocarem como

prioridade escutarem o Gen3, primeiro em modo estéreo e ver se sua assinatura sônica os seduzem. E, caso se apaixonem pela sua sonoridade, o próximo passo é comprarem os módulos adicionais.

Sua potência é mais do que suficiente até mesmo para salas como a nossa com 50 m². Sua capacidade de gerenciar caixas difíceis (pesquisem na Internet usuários utilizando o Gen3 para tocar caixas como a Magnepan), e sua sonoridade quente e sempre equilibrada, são um convite a longas audições de toda sua coleção de discos.

E, se adicionarmos a esse item de satisfação, o seu custo em relação à concorrência o deixa ainda mais competitivo e tentador! ■

PONTOS POSITIVOS

Excelente custo e performance.

PONTOS NEGATIVOS

Seu soundstage em termos de largura e profundidade, e sua apresentação de micro dinâmica.

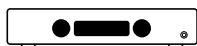
ESPECIFICAÇÕES	Tipo	Amplificador de potência estéreo solid-state
	Entradas	1x XLR, 1x RCA
	Potência	- 300 W (8 Ohms) - 550 W (4 Ohms) - 800 W (2 Ohms)
	Resposta de frequência	20 Hz a 80 kHz (+0/-0.15 dB)
	Ganho	29 dB
	Impedância de entrada	- 33 kOhms (XLR) - 23.5 kOhms (RCA)
	Sensibilidade de entrada	1.5 V
	Fator de amortecimento	>500
	Distorção harmônica	<0.005% (100 W, 1 kHz, 8 Ohms)
	Relação sinal / ruído	>91 dB (1 W, RCA)
	Dimensões (L x A x P)	430 x 200 x 480 mm
	Peso	16.1 kg

AMPLIFICADOR EMOTIVA XPA GEN 3	
Equilíbrio Tonal	10,0
Soundstage	9,5
Textura	10,0
Transientes	10,0
Dinâmica	9,0
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	10,0
Musicalidade	11,0
Total	79,5
<hr/> <p>VOCAL ██████████</p> <p>ROCK . POP ██████████</p> <p>JAZZ . BLUES ██████████</p> <p>MÚSICA DE CÂMARA ██████████</p> <p>SINFÔNICA ██████████</p> <hr/>	

AV Group
(11) 3034.2954
R\$ 16.818

DIAMANTE
REFERÊNCIA





H90 Integrated Amplifier



Better
than yours



H90

No Hegel H90 incluímos streaming, Apple Airplay®, uma variedade de conexões digitais e analógicas. Com entradas de nível fixo é fácil integrar o H90 em um sistema de Home Theater e automação. É um amplificador integrado completo, possui componentes de altíssima qualidade e o sistema de amplificação Sound Engine 2 diminui absurdamente qualquer distorção. Existe também uma saída de alta qualidade de fone de ouvido e uma tela OLED elegante.

H90 Sejam honestos. É melhor do que o seu.



SoundEngine2



DISTRIBUIDORA
EXCLUSIVA HEGEL
NO BRASIL

(016) 3621 - 7699
contato@mediagear.com.br
www.mediagear.com.br

RE VENDAS MEDIAGEAR

Studio Vip
Fortaleza - Ceará
Telefone: (85) 3242-6995

Essence in Home
Salvador - Bahia
Telefone: (71) 3022 - 8829

Hifi Club Áudio e Vídeo Hi-End
Belo Horizonte - Minas Gerais
Telefone: (31) 2555 - 1223

Studio Som
Fortaleza - Ceará
Telefone: (85) 3262 - 5421

TESTE
2
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IQ_Z4YUSGGO](https://www.youtube.com/watch?v=IQ_Z4YUSGGO)

AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H190

XX Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

Há alguns meses tive a oportunidade de testar o amplificador integrado Hegel H90, que me deixou bastante impressionado com seu desempenho realmente acima da média, e também como a sonoridade dele se aproximou do H360, topo de linha da empresa. Enquanto embalava o H90, não parava de pensar como seria ouvir o H190, entender sua evolução em relação ao antecessor, o quanto ele se aproximou do H360 e principalmente como o seu DAC interno toca em relação à sua pontuação geral.

Mas ele não veio logo em seguida - vieram mais dois testes na sua frente: o integrado Roksan K3 e a caixa Dynaudio Emit M30. Só depois destas duas avaliações é que ele veio parar em minhas mãos para teste e pude então fazer minhas comparações.

O amplificador integrado H190 é o modelo intermediário da Hegel, substituto do H160, que fez grande sucesso principalmente pela potência que entregava e seu pacote digital bastante atraente. Nesta nova versão, a potência continua a mesma, mas o DAC eu desconfio que seja o mesmo DAC interno do H300. Além disto, ele parece

estar mais refinado, mais autoritário, pois seu fator de amortecimento foi pra lá dos quatro mil, em teoria se aproximando do integrado topo de linha.

A minha sensação quanto ao seu antecessor era que ele parecia mais distante do amplificador integrado H360 do que eu gostaria. Isto deixava uma lacuna entre os dois integrados que eu não aceitava muito bem. Coisa de gente cri-cri...

Com base em tudo o que eu ouvi no H90, com o qual eu fiquei por mais de dois meses, a curiosidade em saber até onde a Hegel ousou levar o H190 era muito grande. Todos os sinais mostrados pelo seu irmão menor indicavam uma melhora substancial na qualidade sônica do aparelho, principalmente no equilíbrio tonal, timbre e palco.

Outra coisa que me deixava curioso era se a Hegel utilizou o DAC do H300, já que seu circuito utilizava a seção de amplificação do integrado, como no H300. O DAC é bom, é fácil de instalar por não mudar tanto assim na topologia de alimentação, então porque não usar, não é mesmo?



A identidade visual da marca não muda para nem um de seus aparelhos, tudo continua exatamente igual a qualquer integrado Hegel de sua geração. O painel frontal é confeccionado em alumínio, o controle remoto também é feito em alumínio, e nos passa aquela sensação de que vale o quanto pesa. Os dois grandes botões giratórios de seleção de entrada e de volume agora são separados por uma tela OLED, igual ao H90 e Röst. Bem melhor que o antigo mostrador de LED azul que indicava padrões difíceis de entender, como quando selecionávamos a entrada coaxial, por exemplo. Também no painel frontal, encontra-se a entrada para fones de ouvido, algo que tem se tornado um padrão nos integrados de hoje.

O H190 conta com a conectividade de rede via porta Ethernet com fio, AirPlay e DLNA, possibilitando ao integrado utilizar os serviços de streaming mais populares, como o Tidal nos formatos normal e MQA - que fornece o som da gravação máster original - o Spotify e outros.

Por falar em streaming, desde maio deste ano a Hegel disponibiliza uma atualização de software para o H190 que inclui a certificação Spotify Connect. Com esta atualização, o amplificador integrado toca nossas músicas diretamente do servidor Spotify, deixando smartphone, tablet ou computador apenas como controladores do aplicativo.

O DAC interno 24-bit/192kHz possui três entradas ópticas, uma entrada S/PDIF coaxial, uma porta USB do tipo B, e a porta Ethernet.

Na parte analógica, temos uma entrada balanceada XLR e duas entradas RCA. Uma saída de linha variável e uma fixa (ambas RCA). Ainda no painel traseiro, encontramos terminais de caixa de excelente qualidade, banhados a ouro, e a entrada de força IEC.

O gabinete, feito em aço, conta com três pés de apoio. No H160 tinha um a mais para lidar com as vibrações vindas da prateleira, o que nem sempre é uma boa coisa. Às vezes menos é mais.

Alojado internamente, à direita do gabinete, está a usina de força deste tanque de guerra, um transformador toroidal capaz alimentar

150 Watts por canal em 8 Ohms, ou 250 em 4 Ohms, segurando a peteca com tranquilidade até 2 Ohms. A resposta de frequência é de 5 Hz a 100 kHz, relação sinal/ruído maior que 100 dB, crosstalk menor que -100 dB, e distorção menor que 0.01% @ 25 W 8 Ohms 1 kHz. Distorção por intermodulação menor que 0,01% (19 kHz + 20 kHz). Some-se a tudo isto o fator de amortecimento para mais de 4.000, e terá um amplificador capaz de controlar uma enorme variedade de caixas acústicas, com autoridade e muita precisão, que é seu maior trunfo.

O Hegel H190 que veio era novo, então separei os sachês de Camomila e Erva Cidreira e iniciei o processo de amaciamento do aparelho, pois ele precisa de pelo menos 350 horas para entregar tudo o que tem. E até lá ele muda bastante, então é preciso paciência com ele.

Para o teste foram utilizados os seguintes equipamentos. Fontes digitais: CD-Player e transporte Luxman D-06, DAC Hegel HD30, notebook Samsung (com JRiver via Bubble UPnP), iPhone 4S e Samsung Galaxy J5 Pro (com JRremote e Spotify). Cabos de força: Transparent XL MM. Cabos de Interligação: Sax Soul Cables Zafira III XLR e Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA e XLR. Cabos de caixa: Transparent Reference XL e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Caixas Acústicas: Pioneer SP-FS52 by Andrew Jones, Dynaudio Focus 260, e Dynaudio Excite X14. Fones de ouvido: Klipsch M40 e Sennheiser HD 600.

Começamos o teste ouvindo o Hegel H190 com as caixas Pioneer SP-FS52. A sinergia foi imediata, logo nos primeiros minutos da canção *Falling in Circles* do disco Black Light Syndrome do trio Bozzio Levin Stevens, mostrou um casamento perfeito entre os médios do amplificador e os médios da caixa. Outra coisa que chamava atenção era o controle que o H190 exercia sobre a pequena torre, mostrando transientes que me surpreenderam positivamente, mesmo estando com esta caixa há bastante tempo e sabendo do que ela é capaz, esta autoridade favorecida pela potência extra e pelo alto fator de amortecimento do amplificador revelou uma Pioneer bastante disposta, ágil e com uma dinâmica impressionante!

PORSCHE DESIGN
SOUND



GRAVITY ONE



MAISON DE LA MUSIQUE
AUDIO E VIDEO HI-END



SPACE ONE



MOTION ONE

Fone:
(11) 2738-8543

KEF®

O controle dos graves é ótimo. Todas as frequências desta faixa do espectro são expostas com bastante profundidade, extensão e realismo, com modulações recheadas de harmônicos que me fizeram re-apaixonar pela Pioneer.

Se os graves são muito bons, os médios são fabulosos. Aqui é paixão à primeira ouvida. O H190 nos coloca diante de vozes com texturas muito próximas das ouvidas com o H360. A forma como ele nos apresenta as vozes é de uma delicadeza e precisão maravilhosas, que chegam aos nossos ouvidos com um conforto auditivo surpreendente!

Passsei então para as Dynaudio Emit M30, uma torre ligeiramente maior e mais profunda que a Pioneer FS52. Todo o acontecimento musical experimentado com a Pioneer foi maximizado, e os agudos, que são o calcanhar de Aquiles da Pioneer, com a M30 soam "líquidos" e com decaimentos muito bons. Os timbres dos instrumentos nos agudos são ótimos, cheios de texturas, principalmente em pratos de bateria e trompetes. A M30 não nega fogo, ela se joga de cabeça e se submete aos caprichos do H190 sem nunca reclamar. O Hegel H190 impõe aos alto-falantes dela um ritmo justo de excursão, não dando a eles um minuto de folga de seu controle ferrenho.

O palco do H190 é bem profundo, o foco e recorte são excelentes, do tipo que identificamos pequenas variações de posição das baquetas atingindo diferentes pontos dos pratos da bateria. Mas o palco não tão largo quanto eu gostaria. Se fosse um pouco mais largo seria fantástico! Os agudos também não acompanharam a sofisticação dos médios. Isto se deve aos médios serem tão encantadores que fica difícil para os agudos competirem com eles.

Animado com o que ouvia do H190 juntamente com seu DAC interno, resolvi utilizar todo o arsenal a disposição na tentativa de buscar seus limites, colocando-o com a Focus 260 e o DAC HD30, utilizando o Luxman como transporte.

Aí a coisa ficou séria mesmo. O H190 cresceu por demais, mostrando belas texturas e um equilíbrio incrível entre dinâmica e sofisticação nos transientes, capaz de impressionar donos de integrados de patamar superior. Tudo soava mais alinhado com o refinamento do aparelho, o que nos possibilitou começar a entender sobre a pontuação que ele teria.

A largura do palco sonoro e a profundidade aumentaram consideravelmente com a adição da Focus 260 e do DAC HD30. Os agudos também melhoraram bastante, se aproximando da minha referência, o V8 MkIV. Daí por diante foi um festival de surpresas para todos os lados. Os médios são realmente imbatíveis. A forma como o H190 lida com vozes e instrumentos como violino, clarineta e violão, são realmente mágicos. Tão mágicos que decidi colocar o disco do Renato Braz, chamado *Outro Quilombo*, faixas um e cinco para tocar. Nestas faixas, a voz de Renato Braz se projeta um pouco à frente e, para acabar com a graça de qualquer sistema, tem um berimbau, um dos instrumentos mais encardidos de reproduzir que já ouvi. O H190 não tentou domar a voz ou abafou o berimbau tentando controlar seu timbre metálico. Ao contrário disto, ele mostrou a voz como ela está lá: clara, limpa e serena, levemente iluminada como foi posta no disco. O mesmo aconteceu com o berimbau: tudo acontecia com uma folga tão grande que se confundia com aquela velha sensação melosa de conforto auditivo irreal. Mas aí, você ouve novamente e



percebe que a transparência e o timbre estão lá, corretos e perfeitamente preservados, com decaimentos maravilhosos! Tão bons que me fizeram trair o V8 e preferir os médios do H190.

Chega a hora de colocar aqueles discos que chamamos de “matadores de sistema”. Discos como Rachele Ferrell - *Live In Montreaux 91-97* (faixa 10), Joe Zawinul - *Brown Street* (faixa 1 do disco 2), e Nelson Freire - *Chopin Piano Concerto N.º. 2*. Discos que fazem qualquer sistema suar de tão difíceis de reproduzir que são. O H190, com sua velocidade e precisão rítmica, nos fazem realmente bater o pé acompanhando a música como um metrônomo humano. É realmente emocionante ouvir grandes grupos tocando ao vivo neste integrado. O deslocamento de ar é impressionante, a folga que ele possui nos permite ouvir grandes massas sonoras produzidas por orquestras e bandas com diferentes naipes de instrumentos, com um conforto auditivo surpreendente. A única coisa que nos faz voltar à realidade da sala de audição é a largura de palco que deixa os músicos mais próximos uns dos outros do que deveria. É bem verdade que a precisão do foco e do recorte compensam esta sensação de proximidade dos músicos. Ainda assim, ela está nos mostrando que a vida não pode ser perfeita.

Ouvindo o integrado Hegel H190 pelos serviços de streaming, nota-se imediatamente a queda na qualidade da gravação. Mesmo com os álbuns em MQA ainda perde bastante para um bom transporte e mídia física. Passadas algumas músicas, a diversão retoma, e passamos a curtir cada momento da audição, pois a musicalidade e o equilíbrio tonal do H190 não nos deixam com aquela impressão de música fria.

Com fone de ouvido, nota-se que a mesma qualidade que se ouve com caixas acústicas, se ouve pelo fone de ouvido. A diferença é que pelo fone, o H190 não parecia impor o mesmo controle percebido com as caixas. Ainda assim, com o M40, fácil de empurrar, o H190 domou os graves soltos do fone mostrando uma dinâmica muito boa, parecia que o fone havia acordado. De toda forma, não estava a altura do refinamento do Hegel e o Sennheiser HD 600 entrou em ação. Tudo se encaixou e eu senti que o casamento estava completo! A apresentação musical foi repleta de texturas e transientes de fazer qualquer amante por fones de ouvido babar!

CONCLUSÃO

O amplificador integrado Hegel H190 é um aparelho moderno, versátil, e feito para quem busca uma experiência musical o mais próximo do real possível.

Moderno por estender a longevidade de seu DAC interno, pois este tem uma pontuação que só se obtém com DAC externo de alto nível.

Versátil por oferecer várias entradas analógicas e digitais e, fiel à filosofia Hegel de expressar a música como ela é. Cheia de imperfeições, caos e frios na espinha.

Se você busca sentir tudo isto, ouça um Hegel. Após a audição ele certamente fará parte da tua lista de possíveis candidatos. ■

PONTOS POSITIVOS

Força e controle surpreendentes. Fácil conexão com a rede e os serviços de streaming. Possui um DAC de alto nível que, à médio prazo, será difícil de outros integrados nesta faixa de preço bater. Tela OLED de fácil leitura, mesmo a quatro ou cinco metros de distância.

PONTOS NEGATIVOS

Não há pontos fracos.

Não é mágica, é Ciência!



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com

ESPECIFICAÇÕES

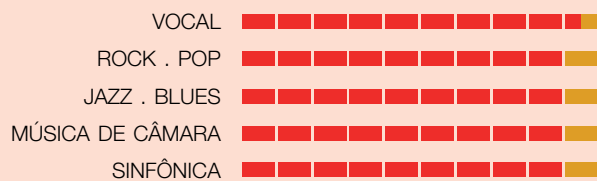
Potência de saída	- 2x 150 W em 8 Ohms - 2x 250 W em 4 Ohms
Carga mínima	2 Ohms
Entradas analógicas	- 1x balanceada (XLR) - 2x RCA
Entradas digitais	- 1x coaxial S/PDIF - 3x optical S/PDIF - 1x USB - 1x Network
Saídas de linha	- 1x RCA fixa - 1x RCA variável
Resposta de frequência	5 Hz a 100 kHz

ESPECIFICAÇÕES

Relação sinal / ruído	>100 dB
Crosstalk	<-100 dB
Distorção	<0.01% @ 25 W 8 Ohms 1 kHz
Intermodulação	<0.01% (19 kHz + 20 kHz)
Acabamentos	Preto ou Branco
Fator de amortecimento	>4000
Dimensões	43x 12 x 41 cm
Peso	19kg embalado

AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H190
(PELO DAC INTERNO)

Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	10,5
Textura	11,0
Transientes	10,0
Dinâmica	10,5
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	10,5
Musicalidade	11,5
Total	87,0



AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H190
(PELO DAC EXTERNO)

Equilíbrio Tonal	11,5
Soundstage	11,0
Textura	12,0
Transientes	11,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	11,5
Organicidade	10,5
Musicalidade	12,0
Total	90,5



Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 24.675

ESTADO
DA ARTE





Gibbon 88

A dynamic and delicate floor-standing two-way. Full-range and transparent, very easy to drive and easy to integrate into any room.



DeVORE FIDELITY



096



3XL



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br

TESTE
3
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DOUMH8DO5FA](https://www.youtube.com/watch?v=DOUMH8DO5FA)

TOCA-DISCOS ACOUSTIC SOLID 111

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

O toca-discos Acoustic Solid 111 chamou minha atenção assim que bati os olhos na vitrine da Alpha Áudio & Vídeo. Ainda que de uma construção simples, sua robustez e cuidado com os detalhes disseram-me para solicitar um para teste.

Feitos na Alemanha, os toca-discos deste fabricante possuem enorme reputação, justamente pelos detalhes que citei acima, e também pela sua relação custo-performance, que os torna muito competitivos em um mercado que não para de crescer, ano após ano.

O 111 é um modelo de entrada, que pode ser encontrado com duas bases bem distintas (madeira e acrílico). O modelo disponível para o teste foi com a base de acrílico (ainda que pessoalmente gosto mais da de madeira). Ele já vem com uma cápsula Nagaoka MP110 (tipo MM) e um braço Rega RB100. Possui um prato de metal, um excelente motor e, além do ajuste para 33 ou 45 RPM, o processador permite o ajuste fino de velocidade (algo impensável em produtos concorrentes de entrada). Outro detalhe importante é

que ele possui uma luz indicadora de torque para informar que a velocidade foi estabilizada.

Mas os detalhes não acabam aí. O kit de acessórios é composto de uma balança digital para o ajuste do peso da agulha, correia de silicone e luvas para você manusear as peças de metal sem marcá-las. Sua instalação foi muito fácil e rápida.

Os prés de phono utilizados foram o Tom Evans Groove+ e o Reference da Sunrise. Os cabos de interconexão entre o pré de phono e o pré de linha foram: Reference Magic Scope, Ágata e Maggini (leia teste 4 nesta edição).

O Acoustic Solid não havia tocado sequer dez horas, então fizemos uma primeira audição com apenas cinco discos, anotamos e deixamos a cápsula amaciando por 50 horas. Amaciar cápsula é uma das tarefas mais inglórias, pois como cada lado tem em média 20 minutos, é preciso ficar atento a cada final de lado, o que nos deixa por dias preso a essa atividade. ▶



Ou a outra possibilidade é esquecer essa tortura e ouvir, mesmo com todas as limitações, todos os discos que admiramos. A cápsula Nagaoka MP-110, tem uma vantagem: ainda que seus extremos estejam apagados nas primeiras 50 horas, sua região média é correta o suficiente para permitir audições em volumes bem controlados. Não chega a ser um prazer ouvir discos nas primeiras 50 horas, mas também não é nenhuma tortura.

A cápsula estabiliza seu equilíbrio tonal completamente depois de 50 horas, e daí em diante as únicas alterações que notamos foi no acréscimo de corpo na região grave e médio-grave (por volta de 70 horas).

Assim que passamos a usá-lo diariamente, duas coisas nos chamaram atenção: sua confiabilidade em termos de precisão de velocidade e sua praticidade de manuseio depois de corretamente ajustado. Não tivemos que refazer nenhum ajuste, pós-amaciamento, e o Acoustic Solid toca muito bem discos de 90 gramas a 180 gramas. Sejam discos mais bem conservados ou aqueles judiados pelo tempo.

À medida que ouvimos o toca-discos, outra questão ficou bastante evidente: ele pode e merece um upgrade futuro, com a troca do braço e da cápsula. Se o usuário não quiser trocar o braço, o RB100 aceita cápsulas de maior 'envergadura', como

por exemplo a Ortofon MM Bronze, o que seria um salto e tanto na performance!

Agora, se o Acoustic Solid for o toca-discos definitivo, eu realmente investiria em um braço superior da própria, e em uma cápsula mais refinada. A Nagaoka não é uma cápsula ruim de modo algum, mas é bastante limitada em termos de extensão, transparência e soundstage. Parece que a proposta desta cápsula é fazer tudo corretamente sem maiores compromissos ou maior refinamento. Tudo soa correto, desde transientes, micro e macro dinâmica, textura, equilíbrio tonal, etc. Porém seu compromisso termina aí. Nada para seduzir o ouvinte ou acrescentar na reprodução algo que ainda não havíamos percebido. Sua maior vantagem é seu comportamento na trilhagem do disco: preciso e com baixo ruído de fundo. Para uma cápsula MM de entrada, trata-se de um enorme mérito.

O braço Rega, também por ser o mais simples da linha, cumpre com seu papel de preservar o disco e fazer uma leitura correta.

Para os que possuem uma discoteca limitada (200 a 300 LPs) e que possui um gênero musical específico, acredito que se darão por satisfeitos com a dupla braço/cápsula. Mas aqueles que possuem uma discoteca maior e com vários gêneros musicais, o Acoustic Solid 111 realmente merece um conjunto braço/cápsula de um nível superior. O pacote é muito promissor em termos de construção ►

TESTE
4
AUDIO



CABO INTERCONNECT MAGGINI DA TIMELESS

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

O mercado nacional de cabos está bastante ativo, mostrando uma vitalidade nunca antes apresentada. Da Timeless já testamos o seu cabo de entrada, o Amati (leia teste na edição 232) e agora nos foi enviado seu segundo cabo, que segundo o fabricante foi trabalhado por cerca de dois anos antes de seu lançamento oficial.

Com o sucesso do Amati, o objetivo foi aprimorar as qualidades oferecidas nele, privilegiando riqueza harmônica, maior transparência, velocidade e silêncio de fundo. Segundo o fabricante, antes da aprovação final do produto, foram produzidos aproximadamente 50 protótipos, onde foram avaliados diversos quesitos, ponto a ponto em configurações distintas com a ajuda de um time de colaboradores.

Estudando a condução elétrica, procurou-se equilibrar a condução do sinal tanto no domínio elétrico, quanto no domínio magnético. Uma vez que existe uma correlação entre essas grandezas físicas,

e quando se trabalha com uma a outra é afetada automaticamente. Desta maneira a Timeless abordou essa questão do processo do sinal no domínio magnético de forma abrangente e desenvolveu a topologia TMC (Timeless Magnetic Collimation) que está sendo requerida patente por ser integralmente inovador.

No cabo RCA enviado para teste, o conceito continua sendo de baixa massa, com os condutores de cobre. O retorno do sinal é feito através de um condutor minimalista e por um único ponto de contato, o que minimiza as correntes parasitas (eddy currents), eliminando reflexões no sinal e preservando a micro-dinâmica.

Para o corpo dos conectores existem duas versões disponíveis: madeira e polímero. O fabricante recomenda sempre o plug de madeira, entretanto devido ao seu maior diâmetro, muitas vezes a distância entre os plugs não permite seu uso. A madeira para o plug é de jacarandá, obtida de origem controlada e venerada por luthiers por suas excelentes características sonoras. ▶



O dielétrico é de algodão, impregnado com ceras naturais. Nos condutores são utilizados dois de cobre de alta pureza. O cobre é tratado termicamente (de modo a eliminar tensões no processo de conformação) e depois de pronto é recoberto por uma fina camada de estanho com estrutura amorfa. Os condutores paralelos são espaçados com distância calibrada, que permite manter a capacitância do cabo em valores extremamente baixos. A geometria paralela também permitiu um ajuste perfeito da impedância, evitando micro-reflexões (segundo o fabricante).

O acabamento é de algodão orgânico azul escuro, o que dá ao cabo (na minha opinião) uma apresentação muito bonita, se destacando naquele amontoado de cabos atrás dos equipamentos.

O Maggini versão RCA de um metro já veio semi-amaciado com quase 50 horas de queima. Ele foi utilizado em uma dezena de equipamentos entre pré de phono e pré de linha. Entre o pré e power da Emotiva, entre o dCS Scarlatti e o pré DanD'Agostino. No teste de todos os CH Precision e também no DAC da Hegel HD30. Já escrevi, quando testamos o Amati o cabo de entrada, que a leveza e os cuidados (que beiram o perfeccionismo) me agradam muito, fazendo com que os cabos da Timeless se 'destaquem na multidão'.

O azul marinho do Maggini foi uma escolha muito acertada em relação ao branco do Amati.

Comparado ao Amati, o Maggini de imediato se mostrou, em todos os quesitos de nossa metodologia, superior. Um silêncio de

fundo impressionante, maior velocidade, melhor apresentação de micro-dinâmica, mais extensão na região alta e texturas ainda mais sedutoras.

Sua assinatura sônica é a mesma do Amati, porém mais refinada e melhor resolvida.

Sendo uma opção segura para sistemas Estado da Arte, também mais refinados e bem ajustados.

A Timeless, na minha opinião, está buscando seu nicho de mercado justamente no perfil do consumidor que é uma simbiose entre o melômano e o audiófilo (no qual me incluo), que deseja sim um cabo com todos os avanços possíveis na condução do sinal, como maior fidelidade, porém não abre mão de ter um conforto auditivo absoluto! Para esse consumidor, a transparência, macro-dinâmica, velocidade, não pode ser maior do que o conforto auditivo. Principalmente nas audições de gravações tecnicamente limitadas. Neste quesito os cabos da Timeless me parecem ter acertado 'na mosca'.

O Maggini possui um grau de inteligibilidade estupendo sem, no entanto, perder o equilíbrio entre inteligibilidade e conforto auditivo. Sua apresentação é sempre segura, equilibrada, consistente, sem jamais jogar luz ou pontualizar algum detalhe.

Outra qualidade que chamou muito a nossa atenção foi o alto grau de compatibilidade com todos os equipamentos que utilizamos para o teste. O amante da música, que deseja simplesmente esquecer de seus embates estafantes diários, irá amar este cabo. Pois ele ►

A EVOLUÇÃO MAIS QUE ESPERADA DE UM BEST BUY



A Sunrise Lab tem o prazer de apresentar o V8 MK4, nossa maior obra prima!! Deixemos a palavra com os nossos clientes:

"Boa tarde, demorei para escrever devido correria danada, mas no último dia 19 estive em Sampa e não poderia perder a oportunidade de conhecer o Ulisses e esse grande pesquisador, inventor, criador dos itens Sunrise. Logo de antemão agradeço toda atenção e hospitalidade do Ulisses.

Claro que tinha uma curiosidade enorme em escutar o Sunrise V8 MK4 e com a gentileza e disponibilidade do Ulisses, isso foi possível. A audição constou com o seguinte setup: caixas Focus 260, player Luxman D-06 com DAC Hegel HD-30 e cabeamento Sunrise Magic Scope. Realmente não tem muito mais o que falar do que já foi dito aqui no clube, integrado excelente, não tenho dúvida que é o melhor custo / benefício do mercado, ainda mais com esta alta do dólar, é aparelho pra ser vendido por um valor superior lá fora.

Não sou o mais apropriado a relatar a experiência até devido a minhas limitações práticas e técnicas em relação ao áudio, sou apenas um hobista amador, mas logo de cara pude perceber o excelente palco, separação instrumental, dinâmica, detalhamento, o integrado conseguiu tirar graves da Focus que não imaginava ser capaz, reprodução de gravações antigas e não audiófilas, foi muito bom. Vale a pena conhecer esse integrado, vale a pena conhecer o Ulisses, nos dá orgulho ter alguém tão apaixonado pelo áudio como ele, que apesar de todas as dificuldades desse nosso país está lá, batalhando no dia-a-dia e com muitas novidades boas que virão, inclusive invenções dele, o Ulisses tinha que estar a nível mundial em termos de áudio, um baita engenheiro dando sopa aqui no Brasil. O setup estava com uma sinergia muito boa, warm e daria para viver muito feliz com um sistema igual ao que ele demonstrou, sem perder os dois rins.

Pessoal que tem vontade de pegar um integrado novo de extrema qualidade, vale muito a pena. Gostei muito do que ouvi e parabens ao Ulisses mais uma vez. É uma honra para nós, que somos apaixonados por audio, aparatos e música, podermos contar com pessoas como o Ulisses".

Rogério, Umuarama / PR.

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

possui a 'magia' de nos ajudar a relaxar e deixar o mundo dos negócios do lado de fora de nossa sala de audição. E quem não necessita desses momentos de isolamento para recarregar suas baterias e a fé na capacidade de enfrentar o dia a dia?

Conseguir o equilíbrio entre conforto e precisão é para poucos. E o Maggini ousou em ir nesta direção e se deu muito bem. Seu equilíbrio tonal é muito bom, com extremos muito bem delineados, muito bom decaimento, velocidade e corpo. Sua região média possui calor, naturalidade e um silêncio de fundo em torno dos solistas que é cativante. O soundstage, em termos de foco e recorte, é cirúrgico, e os planos, tanto em largura como, altura e profundidade, são exemplares para a sua faixa de preço. Os transientes são excelentes tanto na apresentação de tempo, quanto de ritmo. E as texturas são literalmente 'palpáveis'! O ouvinte passará semanas apreciando detalhes de texturas em seus discos preferidos.

A micro-dinâmica é exemplar, graças ao seu silêncio de fundo e à macro-dinâmica está lá, quando a música assim o exige. Para os amantes de pirotecnia, esqueçam o Maggini, pois ele não trilha essa estrada. Porém, aos que reconhecem as limitações do estágio atual da reprodução eletrônica nesse quesito, certamente se darão por satisfeitos com a apresentação da macro-dinâmica do Maggini.

Como diria o meu pai: "Do que adianta um susto, em uma passagem dinâmica, se você perde a concentração em ouvir o todo?". Assim como a textura, a organicidade (materialização do acontecimento musical) é muito impactante no Maggini. Não se trata de nenhum efeito 'fantasmagórico', longe disso, mas sim de uma apresentação (nas gravações de alto nível técnico) de nos colocar junto com os músicos na sala de gravação!

Para os leitores que participaram do nosso Curso de Percepção Auditiva, certamente se lembrarão quando, ao apresentar o último quesito de nossa metodologia, eu chamava a atenção de todos para mostrar que a musicalidade é a soma equilibrada dos sete quesitos anteriores. E que assim, ainda que seja o único quesito de ordem subjetiva (pois leva em conta o gosto e expectativas pessoais), ele se apresentaria sempre em maior escala em relação à qualidade dos outros sete quesitos. A Musicalidade na nossa metodologia é a soma de todos os outros quesitos. Ainda que muitos sequer se dêem conta desta questão, todos conseguem, ao ouvir um setup muito bem ajustado e sinérgico, perceber o quanto o prazer em ouvir seus discos é ampliado. E ainda que tentem resumir aquela sensação de bem estar ao grau de musicalidade do sistema, o que está por de trás deste 'efeito' é o equilíbrio do todo. E neste quesito, musicalidade, o Maggini se destaca não pelo seu conforto auditivo, equilíbrio tonal, texturas sedutoras, etc, mas sim pelo todo! Possibilitando, como escrevi na apresentação do produto, ser um cabo de interconexão que conseguiu aliar um equilíbrio perfeito entre transparência e conforto auditivo.

CONCLUSÃO

Sempre destaco em meus testes, textos e palestras que como tudo na vida, existem fases que todos nós temos que vivenciar, aprender para então prosseguirmos em nossa jornada pela vida. Alguns fazem isso de forma prazerosa, outros com muita resistência e todo tipo de sentimento negativo. O audiófilo não está imune a todos esses obstáculos. Ele passará pela fase que chamo de deslumbramento (quando ele descobre as qualidades de um equipamento hi-end), a fase de busca do primeiro sistema que lhe dê prazer em



'redescobrir' todos os seus discos. A fase de se enturmar com outros audiófilos e, em algum momento de sua longa jornada rumo ao Santo Graal sonoro, realizará essa jornada por conta própria, assumindo inteira responsabilidade nas suas escolhas e sem se preocupar com a opinião dos outros.

Essa fase meu pai dizia se tratar da Peregrinação Final (e que geralmente só ocorre quando o audiófilo já se encontra em uma idade mais avançada e tem muito mais tempo para desfrutar de seu hobby). Ele já passou por todos os produtos 'da moda', todas as topologias possíveis e seu único desejo é ouvir seus discos sem ter que ficar discutindo com os amigos os erros e acertos de seu sistema. Para ele, tudo que mais importa é poder colocar suas gravações, sejam elas boas ou ruins tecnicamente, e ouvir ambas com o mesmo prazer.

ESPECIFICAÇÕES	Geometria	Cabo flexível composto por dois condutores paralelos espaçados por cortiça orgânica (material com baixo coeficiente dielétrico e excelente controle vibracional)
	Condutores	Cobre macio de alta pureza, recoberto com camada de estanho amorfo impregnado em óleo anti-estático e ceras naturais
	Dielétrico	Algodão impregnado com nanopartículas diamagnéticas pelo processo TMC (Timeless Magnetic Colimation)
	Conectores	- RCA - Em cobre telúrico revestido a ouro, utilizando tecnologia de baixa massa e retorno em ponto único para controle das correntes parasitas. Corpo em Madeira Jacarandá ou Polímero - XLR- Switchcraft modificado com corpo moldado em cortiça
	Capacitância	Ultra baixa (abaixo de 10 pf / metro) permitindo maior compatibilidade com diversos equipamentos
	Acabamento	Algodão Orgânico com tratamento Hidrofóbico (para maior limpeza e durabilidade)

Para esse perfil de audiofilos, o Maggini é um cabo que pode perfeitamente ser a 'cereja do bolo'! Não é o tipo de cabo com o qual os audiófilos ligarão para os amigos convidando-os para ouvir algo espetacular e inovador! Pelo contrário, irá selecionar entre os amigos, aqueles que conseguem sentar e ouvir silenciosamente uma obra, pela importância da obra e não do equipamento. Para esses, após a audição, os comentários serão em relação à performance dos músicos e a vontade de estender aquele momento por mais algumas horas, somente! Ninguém perguntará que cabo estava tocando, porém todos sairão satisfeitos com o prazer que aquela audição proporcionou. ■

PONTOS POSITIVOS

Naturalidade e um grau de musicalidade pleno.

PONTOS NEGATIVOS

Somente para audiófilos que buscam o máximo em conforto auditivo.

CABO INTERCONNECT MAGGINI DA TIMELESS

Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	11,0
Textura	13,0
Transientes	12,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	11,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	13,0
Total	95,0

VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	████████████████████

Timeless Audio
(11) 98211.9869
RCA (1m) - R\$ 4.640
XLR (1m) - R\$ 5.520

ESTADO DA ARTE





Museu Pushkin - Moscou: galeria de arte do século XIX

A MÚSICA SINFÔNICA NO PÓS-ROMANTISMO: BRAHMS E BRUCKNER (PARTE I)

XX Omar Castellán
omarcastellan@clubedoaudio.com.br

Beethoven e Berlioz apontaram novos caminhos para a **sinfonia**. Eles ampliaram a sua forma, com a supressão do minueto, aboliram a ligação com o rococó, deram-lhe conteúdos extramusicais, aumentaram sua orquestra. Liszt, como também Berlioz, ao contrário de Schumann e Mendelssohn, fizeram a sinfonia recuar para um segundo plano e colocaram o **poema sinfônico** no centro das obras orquestrais românticas; ele submete a forma à descrição mais exata possível de um conteúdo extramusical - não vale mais nenhuma regra. Na metade do século romântico, essas duas verten-

tes sinfônicas tomaram o seu rumo, com novas facetas: encontramos compositores com uma forte inclinação para a forma e para a 'grande' sinfonia, como é o caso de Brahms, Bruckner e Mahler, como também Franck e Tchaikovsky; já Richard Strauss, Smetana e Mussorgski dão quase igual preferência ao poema sinfônico.

Enquanto Liszt e Wagner, em particular, estavam abrindo novos caminhos musicais em termos de forma, harmonia e expressão, abandonando métodos tradicionais em favor da autoconsciente manifestação dramática e romântica, **Johannes Brahms** (1833-1897), ►

em contraste, apoiava suas criações nas estruturas e ensinamentos de Bach, Mozart e Beethoven, reinterpretando-os e desenvolvendo-os de maneira pessoal, associando às linhas rígidas e à densidade intelectual das formas convencionais (sinfonia, quarteto, sonata) um colorido melódico abrangente e apaixonado, que tudo devia ao sentimento romântico de sua época e nada ao passado. Nutria pela forma e estrutura o mesmo respeito que aquele século demonstrara - sua música é fortemente caracterizada pela lógica arquitetônica. Foi essa preocupação pelo passado que custou a Brahms o desprezo da vanguarda dos músicos vienenses, para os quais Wagner e Liszt eram como deuses. Permanecendo toda a sua vida refratário à ópera e à música de programa, ele escreveu todos os demais gêneros, exaltando a música pura, que se basta em si mesma.

O artista criador que foi Brahms aparece, à primeira vista, como a antítese do homem Brahms. A sua obra revela uma sensibilidade excepcional, grande ternura e extrema delicadeza de sentimentos. Pelo contrário, na vida real mostra-se um homem rude, sarcástico, pantagruélico e de aspecto físico desalinhado. Brahms não encarna o ideal do artista romântico que procura viver de acordo com a sua criação. Mas esse aspecto externo contraditório é, na realidade, uma aparência externa. No fundo, a verdade mais íntima é a beleza e a bondade de espírito. Tal como tantos outros compositores, Brahms foi produto da harmonia dos contrários. Homem nórdico, nascido na fria e nebulosa cidade de Hamburgo, passou a maior parte da sua vida na alegre e frívola Viena. Homem romântico pela confissão dos sentimentos, pelo lirismo e o preponderante intimismo expressivo (piano, *lied*, obras de câmara), foi também um clássico pela lógica dos seus desenvolvimentos, como a contenção emotiva, a solidez estrutural, a sobriedade instrumental e a concisão dos meios. Liberdade e ordem: eis a difícil conciliação das duas tendências criadoras. Assim, entre os dois extremos surge, luminosa, a obra de Brahms. De outro modo, seria difícil compreender por qual motivo esse homem áspero, rude, comilão e violento, aparentemente incapaz do menor sentimento de ternura e delicadeza, compôs entre soluços as suas últimas peças para piano; por qual motivo ridicularizava as suas obras mais ternas e confessionais, escondendo os seus sentimentos amorosos; e, por fim, por qual razão é necessário aprofundar o conhecimento da sua obra para encontrar nela o encanto infantil, a beleza do amor, a comunhão com a natureza, os melhores sentimentos de uma alma bela e nobre. Na juventude, foi descoberto por Schumann, que publicou na *Neue Zeitschrift für Musik* um artigo profético que marcou época e no qual dizia que Brahms era um gênio. Entre Brahms e Schumann iniciar-se-ia uma amizade que duraria a vida inteira, como também um amor tímido e nunca declarado por Brahms à sua viúva Clara.

Ninguém foi mais severo com a própria obra do que Brahms, que possuía uma autocrítica implacável - ela é numerosa sem ser colossal, e onde tudo é bom; provavelmente, não mais que um terço tenha chegado até nós. A obra pode ser dividida em três etapas básicas. Na primeira, a da juventude, Brahms foi romântico: a preocupação do autor estava centrada, sobretudo, na forma, muito fixada em Beethoven; são peças sérias, densas. Uma de suas primeiras obras publicadas é a **Sonata para Piano nº 3, Op. 5** (em que é evidente a influência da Fantasia 'Wanderer' de Schubert) - a maior sonata para piano escrita depois de Beethoven. Impetuosas e virtuosísticas são, também, algumas peças para piano, como as **Baladas Op. 10**, as **Variações Sobre um Tema de Haendel** e as **Variações Sobre um Tema de Paganini**. O romantismo tempestuoso também se manifesta no **Concerto para Piano e Orquestra nº 1**, inspirado pelo desastre e morte de Schumann; essa obra trágica, difícil para o executante, é repleta de ideias nem sempre concatenadas de forma ideal, mas reveladoras de muita personalidade. O **Quinteto para Piano e Cordas, Op. 34**, corresponde à maior obra da primeira fase de Brahms, comparável ao de Schumann, porém mais viril. Há, também, desse período, uma obra indispensável para quem deseja realmente conhecer Brahms e seus processos de criação - o **Trio para Piano e Cordas, Op. 8**.

Uma importante trilogia de obras vocais, que tratam sobre o destino do homem no Universo, foi escrita em uma fase intermediária, entre a primeira e a segunda. Apesar de expressarem o pessimismo de Brahms, nelas não há sinais de angústia e desespero. **Um Requiem Alemão**, inspirado pelo falecimento de sua mãe, é uma obra inteiramente protestante que utiliza texto alemão em vez de latino. Apesar de ser uma obra de extrema complexidade, empregando o contraponto em todas as suas variedades, sua nobreza e eloquência são incomparáveis; segue a tradição das Cantatas de Bach, mas com inspiração diferente: apresenta mais amplitude e severidade. **A Rapsódia para Contralto, Coro Masculino e Orquestra**, foi composta em 1869, época de grande desânimo na vida de Brahms. Tendo perdido sua amada, Julie Schumann, para o Conde Marmonto, a amargura que o invadia encontrou eco na soturna poesia de Goethe, 'Harzreise im Winter'. Muitas vezes denominada 'Pequeno Requiem', a **Canção do Destino** está repassada de uma suave e nobre tristeza que exprime a poesia pessimista de Hölderlin; Brahms medita sobre a incerteza da vida e a compara à serenidade que se goza no céu.

A segunda fase de Brahms, da maturidade e não romântica, mostra uma obra mais refinada e elegante, muitas vezes sentimental. Corresponde ao Beethoven do segundo período, em uma sucessão

de obras-primas. Nessa etapa, aparece um autor mais seguro, trilhando com passos raros e brilhantes o caminho aberto por Schumann. As **Variações Sobre um Tema de Haydn** (1873) foi a primeira obra de fôlego escrita por Brahms exclusivamente para orquestra sinfônica, e serviu para convencê-lo de que estava apto para se dedicar a outras obras desse gênero. O tema, de uma obra camerística de Haydn, é uma das mais gloriosas melodias de toda a música; aqui, os recursos da composição melódica e contrapontística são maravilhosamente aproveitados - um triunfo da arte da composição. Três anos depois, Brahms estava pronto para iniciar a sua carreira de sinfonista. Com o maravilhoso senso da estrutura e da lógica, Brahms ergue com suas quatro **Sinfonias** um conjunto arquitetônico impressionante pela sua majestade. Nelas encontramos ricas ideias poéticas, frases arrebatadas, beleza sensual e força dramática, características tais que fazem de Brahms o legítimo herdeiro de Beethoven. Cada uma dessas sinfonias é perfeitamente individualizada - a severidade da **Primeira** (1876) contrastando com o lirismo da **Segunda** (1877), com a energia sombria da **Terceira** (1883) e com o majestoso arcaísmo da **Quarta** (1885), obra-prima de sua última fase. Mas, em todas elas, pode-se sentir a especialíssima combinação de talentos que caracteriza Brahms: o Brahms lírico, que pensa como Schumann; o Brahms com a temática popular de Schubert; o Brahms de forte cabeça, de conteúdo conflitual, que procura dar sequência às lições de Beethoven, e fazer de uma sinfonia uma grande arquitetura; o Brahms renovador da harmonia e da orquestração, que levou o movimento romântico às suas últimas consequências; e, finalmente, o Brahms que olha com infinito respeito e carinho para o passado da música alemã, para a Alemanha de Bach, e que recupera em suas obras as virtudes da polifonia e até de formas arcaicas como a 'Passacaglia'. É essa combinação de fatores que fez de sua obra, passado um período de incompreensão e de polêmicas como a que o opôs aos wagnerianos, uma das bases mais firmes do repertório de concertos.

Brahms também é mestre do sinfonismo em algumas obras isoladas, como a **Abertura Trágica**, séria e sonora como convém, estando na mesma linha espiritual da Primeira e Quarta Sinfonia, apesar de sua brevidade. Com temas de canções de estudantes universitários, Brahms, em agradecimento ao título de doutor honoris causa conferido pela Universidade de Breslau, compõe a **Abertura Festival Acadêmico**, um epílogo humorístico. Ele sempre teve o maior interesse pelo folclore musical: as **21 Danças Húngaras**, que escreveu para piano a quatro mãos, entre 1852 e 1869, são testemunho disso; ele pessoalmente só orquestrou três, as de nºs 1, 3 e 10, e todas as outras orquestrações que se podem ouvir não são dele.

No terreno dos concertos, Brahms produziria ainda mais duas grandes obras: o **Concerto para Violino** (1878), de lirismo íntimo e com um final vibrante, rapsódico, que é considerado uma de suas obras mais populares e de todo o repertório para violino; e o **Concerto para Piano nº 2** (1881), na realidade, uma grande sinfonia com piano - produto de um artista maduro, sereno, expondo uma combinação tipicamente brahmsiana de heroísmo, pronunciamento tranquilo e vibração revigorante. Entre as peças breves para piano solo dessa época, encontramos as duas **Rapsódias Op. 79**, sendo parte de suas mais apaixonadas e arrebatadoras páginas.

É preciso destacar, nesse período, as inúmeras obras-primas de câmara e as quase 250 canções (*lieder*) escritas por Brahms. Suas três **Sonatas para Violino e Piano** e as duas **Sonatas para Violoncelo e Piano**, apaixonadas e turbulentas, são as mais belas para o instrumento depois das de Beethoven. Música absoluta, com rigorosa estrutura arquitetônica, áspera e sem significado programático são os **Quartetos para Cordas (Op. 51 e Op. 67)**, os **Quintetos para Cordas (Op. 88 e Op. 111)**, o **Quarteto para Piano e Cordas (Op. 60)** e os **Trios para Piano e Cordas (Op. 87 e Op. 101)**. Brahms foi um dos mais importantes mestres do *lied* do apogeu romântico alemão, depois de Schumann e Mendelssohn. Ele une o sentimento íntimo com uma perfeita pintura dos estados da alma, em que têm participação a linha melódica, a harmônica, a rítmica e a mais artística fraseologia pianística. Em seus textos reflete a imagem poética de sua época (os belos versos não são provenientes, obrigatoriamente, de poetas famosos), recorrendo algumas vezes ao pré-romantismo. Alguns dos seus traços básicos são a tristeza e a ardente melancolia, mas também transparece o humor, às vezes um pouco amargo. Devem ser citados entre os maiores: **Von Ewiger Liebe** ('Do Amor para Sempre'), **Feldeinsamkeit** ('Solidão dos Campos'), **Sapphische Ode** ('Ode Sáfica'), **Wie Melodien** ('Como Melodias'), **Immer Leiser Wird Mein Schlummer** ('Cada Vez Mais Leve Vira Meu Sono') e **Auf Dem Kirchhof** ('No Cemitério').

Na sua terceira e derradeira fase, Brahms tomou um rumo inesperado: se Beethoven, no final da vida, partiu para composições cada vez mais intensas, ele preferiu a serenidade. O limite entre a segunda e terceira fase é tênue - ora ele permite manifestações rapsódicas, que não teria tolerado em obras anteriores, ora se torna intencionalmente arcaico, empregando recursos pré-clássicos e formas de Bach. Do primeiro estilo, são exemplos as suas **Últimas Obras para Piano Op. 116 ao 119**, compostas por volta dos 60 anos, em que olha para trás e para si mesmo, vertendo as suas reflexões e experiências. São peças com caráter de confissão pessoal, expressas pudicamente e sem alardes exteriores de técnica pianística; no

CAIXA ESPECIAL VILLA-LOBOS



Confira o mais novo lançamento da OSES, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfonias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor; mas que "registra" em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS Nº 1 E 2:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

[f](#) /movieplaydigital
[t](#) @movieplaybrasil
[i](#) "movieplaydigital"

(11) 3115-6833

movieplay
DIGITAL MUSIC

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.

entanto, nem por isso elas são fáceis de interpretar, ao contrário, requerem um domínio total do instrumento, especialmente no equilíbrio da sonoridade e, acima de tudo, uma musicalidade muito amadurecida. A estrutura é aparentemente simples, mas, na verdade, esconde sutilezas de toda ordem, complexas transformações temáticas e profundas relações entre as diversas peças.

A obra-prima de 'estilo arcaico' é a **Sinfonia nº 4**, verdadeira catedral sinfônica que termina numa Passacaglia obstinada; representa a apoteose da técnica de variação de Brahms, em que ele se despede do sinfonismo com uma clara homenagem a Bach, e com uma partitura que mostra a que extremos pode chegar a obra artística quando se combinam o absoluto domínio técnico e o mais alto conteúdo poético. No **Quinteto para Clarinete, Op. 115**, encontram-se reunidos os dois elementos, o 'rapsódico' e o 'arcaico', correspondendo a uma obra que possui a doçura outonal proveniente da meditação profunda; capaz de exprimir com inflexões apropriadas tanto a dor quanto a resignação, o clarinete é o instrumento ideal para essa música. Junto com a quarta sinfonia, constitui uma das maiores obras musicais de todos os tempos. A última obra concertante de Brahms, o **Concerto Duplo para Violino e Violoncelo**, assim como o **Concerto para Piano nº 2**, situa-se mais próximo de uma sinfonia com solistas do que de um concerto, e nele se percebe a veia cigana do compositor; menos gratificante e mais áspero do que as suas outras obras concertantes, ela não deixa de ter inegáveis qualidades de invenção melódica e escrita.

Em 1896, cada vez mais solitário e isolado, Brahms sofreu um golpe terrível com a morte de Clara Schumann. Escreveu, então, uma pequena peça, as **Quatro Canções Sérias, Op. 121**, que é, possivelmente, uma das músicas mais belas e doloridas de todos os tempos. Com textos bíblicos, essa música tem uma avassaladora força emotiva, assemelhando-se a uma tragédia de proporções gregas. Nela encontramos as palavras cheias de reflexão de um homem que sabe que está às portas da morte, para quem a vida ainda é preciosa e que considera o fim iminente como um golpe do destino implacável. De construção simples, de uma nudez quase absoluta, essa canção reflete abertamente um sentimento trágico, por vezes demasiado doloroso de se contemplar. Logo depois, outra notícia acabou de abatê-lo: estava sofrendo da mesma doença que matara seu pai: um câncer no fígado. O tosco e rude Brahms, que nunca havia ficado doente, estava condenado a ver a lenta e perversa decadência do próprio corpo. Foi definhando na companhia de alguns bons amigos de outrora, que voltaram a ficar ao seu lado. Morreu em Viena, em abril de 1897.

Anton Bruckner (1824-1896) é uma das personalidades mais cativantes da história da música. De personalidade nervosa, caráter

tímido e uma insegurança beirando ao doentio, ele é um dos pilares da música sinfônica. Filho de um professor de uma escola rural da Alta Áustria, região montanhosa e rústica, criou-se no suntuoso mosteiro barroco de Sankt Florian, onde estudou órgão e composição, ocupando mais tarde o posto de organista. Em 1855 fez um curso de contraponto em Viena e, nesse mesmo ano, foi nomeado organista da Catedral de Linz. Preocupado com a verdadeira natureza do som da música, estuda profundamente sua construção e relação, e como era bom conhecedor de todos os aspectos da linguagem musical, transforma o teclado do órgão no meio para redescobrir os sons e as relações que tanto o preocupam. É aqui que nascem as grandes soluções que suas sinfonias trariam.

As principais influências sinfônicas de Bruckner foram Beethoven e Wagner. A **Nona** de Beethoven fornecerá o modelo básico para a escala e a forma dessas sinfonias, e também para suas introduções misteriosas, crescendo em intensidade a partir de um silêncio inicial. O contato com a poderosa obra de Wagner o influenciará no que se refere à escala e a certos aspectos de sua orquestração, tais como a utilização de metais carregados e a utilização de um cantabile intenso e sustentado nas cordas, para profundidade de expressão. No entanto, como vimos anteriormente, a arte de Bruckner não é de origem beethoveniana nem wagneriana: sua maneira de composição em blocos sonoros é inspirada pelo órgão, o instrumento em que ele era virtuose consumado. Apesar disso, infelizmente, suas obras para órgão são mediocres.

O impulso da arte de Bruckner, homem profundamente devoto e pleno de fé sincera, foi a religião, e, portanto, não é por acaso que suas sinfonias são comparadas a catedrais, em sua escala e grandiosidade, bem como em sua inspiração pelo sublime. Houve a presença de Deus em tudo o que escreveu. É o único compositor autenticamente religioso do século XIX - empregando todos os recursos da arte sinfônica e da orquestra moderna, criou o gênero 'sinfonia-missa'. Bruckner compôs nove sinfonias, e embora cada uma delas oferecesse soluções diferentes, todas possuem uma série de características em comum: "O primeiro movimento, sempre trágico, lembra o **Advento**, antes de chegar à humanidade a mensagem da redenção. Os movimentos lentos são invisíveis cidadelas da fé, correspondem ao **Credo**. A alegria abundante e rústica dos **Scherzi** lembram as festas de aldeia a que Bruckner assistira na mocidade; mas, antes, é a maneira singular do camponês austríaco de cantar o **Glória**. O último movimento sempre tem a particularidade de resumir os outros movimentos para, depois de nova luta, chegar a um desfecho sereno: **'Dona Nobis Pacem'**" (O. M. Carpeaux).

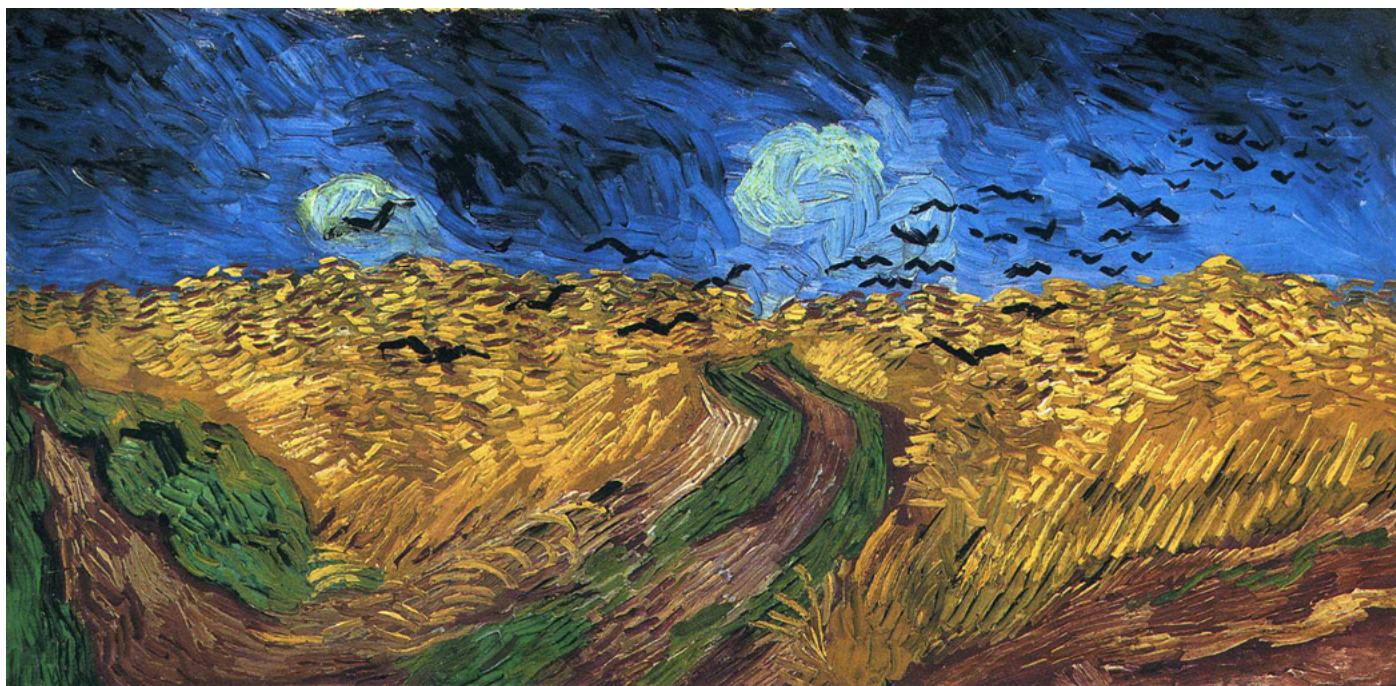
O grande regente alemão Wilhelm Furtwängler, em uma única frase, julgou satisfatoriamente Bruckner e o conjunto da sua obra ►

sinfônica: 'Uma espécie de místico gótico extraviado por erro no século XIX'. Bruckner se revela menos um romântico do que um grande músico 'teológico', talvez o maior depois de Schütz e antes de Messiaen. Mesmo assim, suas obras não foram bem aceitas na época: os antiwagnerianos, tendo à frente o partidário de Brahms, o implacável Hanslick, não lhe pouparam críticas, pois a personalidade do músico (seu 'jeitão camponês', sua aparente ingenuidade e igualmente inúmeras inabilidades) só suscitou, numa Viena repleta de frivolidade e de arrogantes preconceitos, hostilidades e até sarcasmos ofensivos. No entanto, regentes ilustres como Richter, Nikisch e Mahler tentaram defender sua obra sem chegar a impô-la verdadeiramente. Devido às suas complicações textuais, as sinfonias de Bruckner foram, na maioria, publicadas em duas edições: a de R. Haas, que considera a versão original, e a de L. Nowak, que conceitua as versões revistas e com cortes. A Quarta, Quinta, Sétima, Oitava e Nona são as sinfonias mais famosas e executadas.

A **Sinfonia nº 4**, denominada 'Romântica' (1874), foi a que sofreu maiores alterações, mas é a 'versão Haas' que prevaleceu. Bruckner elaborou para os seus quatro movimentos um 'programa' com ressonâncias medievais (tal como os românticos, que gostavam de tirar partido dele), justificando o subtítulo da obra. Um sentimento místico da natureza toma conta, do princípio ao fim, dessa sinfonia, uma das partituras mais luminosas do compositor. É interessante observar que as trompas representam um papel de primeiro plano, apresentando os temas em cada um dos movimentos extremos; também,

foram as intervenções desse instrumento nas 'cenas de caça' do **Scherzo** que tornaram a sinfonia popular. Com a arquitetura colossal semelhante à dos mosteiros, a **5ª Sinfonia** (1876), de pompa barroca e solenidade religiosa, apresenta, no final, uma alegria extasiante. Ela exige de toda a orquestra uma dedicação total, e dos regentes que a abordam, não sem temor, fervor e precisão lúcida. A **7ª Sinfonia** (1883), a mais querida, ficou eternizada no belo filme de Visconti, 'Senso'; ela fez muito mais para a fama do compositor do que todas as suas outras obras. É o resultado do desabrochar de uma arte procurada por muito tempo - clareza de arquitetura, intensidade harmônica, frescor de suas melodias e irradiante plenitude dos temas. É a obra mais apta a convencer o melômano refratário ao universo bruckneriano. No adagio, completado após receber a notícia da morte de Wagner, Bruckner expressa toda a tristeza que sentia numa emotiva marcha fúnebre, incluindo quatro tubas wagnerianas na conclusão do movimento.

De todas as suas sinfonias, a **Oitava** (1885) é a mais monumental, um imenso afresco com o qual se fecha o século XIX musical. Nessa página, Bruckner descobre terrenos desconhecidos e verte nela uma força dramática, até então inédita. Como artista na plenitude de sua maturidade, sabe conjurar todas as forças turbulentas, fazendo com que a forma se curve completamente às suas necessidades expressivas. Bruckner está impregnado de Deus: o homem - o artista - tem por missão revelar uma verdade divina, e luta por tal revelação. É essa luta que não é um 'destino' (como foi para Beethoven, na



Van Gogh - Campo de Trigos com Corvos - 1890

5ª Sinfonia) que ele consegue exprimir na 8ª Sinfonia, com suas derrotas e esperanças. Se na Oitava, Bruckner havia explorado territórios inimagináveis, na Nona Sinfonia (1896) parece estar estancado com suas próprias fantasias, impressão que se obtém, não apenas do feroz Scherzo (o mais maciço, dantesco e aterrador de todas as suas sinfonias), mas também de algumas passagens do primeiro movimento e do atormentado adagio. Se os adagios sempre haviam sido momentos de reflexão e contemplação, na Nona ele parece estar impregnado dos horrores dos movimentos anteriores. Do ponto de vista harmônico e cromático, recorda certas passagens de Tristão e Isolda e, com o coral das trompas com que culmina, parece reforçar a ideia do próprio compositor que o definia como seu 'adeus à vida'. Quando Bruckner terminou este movimento, restavam-lhe ainda dois anos de vida, mas foi atingido por uma pleurisia e, declinando pouco a pouco, ele não conseguiu escrever o seu

Finale, deixado em estado de esboços múltiplos. Portanto, essa obra é a 'Inacabada' de Bruckner, um epílogo triste, mas não desolado, de um homem seguro de sua salvação.

As suas três Missas e o Requiem, obras da primeira fase do compositor, apresentam um grande estilo - apesar de modernas, têm inspiração barroca e fé humilde. Já em sua maturidade, Bruckner compôs o extraordinário Te Deum (1881), obra solene e exultante, em que traduziu musicalmente, de forma perfeita, o hino de Santo Ambrósio. Sua grandeza é maior que a duração (cerca de 20 minutos): em um curto espaço de tempo essa obra nos dá um resumo completo das características marcantes do estilo do compositor e, particularmente, do uso que ele fazia das formas musicais mais simples (arpejos, acordes simples, pausas) para conseguir resultados místicos e religiosos quase transcendententes. ■

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Brahms

- **Sinfonias (Integral):** Klemperer / Philharmonia O. (+ Aberturas. Um Requiem Alemão) - EMI 4043382 (4 CDs) ou Dohnanyi / Cleveland O. (+ Aberturas) ou Gardiner / ORR - Soli Deo Gloria 702-05 (4 CDs) ou Giulini / Wiener Ph. (+ Variações Sobre um Tema de Haydn. Abertura Trágica) - Newton Classics 8802063 (4 CDs) ou Jochum / Berliner Ph. - DG 449715-2 (2 CDs).

- **Sinfonia nº 1:** Szell / Cleveland O. (+ Variações Sobre um Tema de Haydn. Cinco Danças Húngaras) - Sony 46534 ou Böhm / Bavarian RSO - Orfeo 263961 ou Horenstein / London SO - Chesky 19 ou Jochum / London PO (+ Aberturas) - EMI 762604-2.

- **Sinfonia nº 2:** Abbado / Berliner Ph. (+ Abertura Festival Acadêmico) - DG 'Eloquence' 469044-2 (1971) ou Walter / Columbia SO (+ Sinfonia nº 3) - Sony 64471 ou Haitink / Boston SO (+ Abertura Trágica) - Philips 432094-2 ou Stokowski / National PO - Cala 0531.

- **Sinfonia nº 3:** Jansons / Oslo PO (+ Sinfonia nº 2) - Simax 1204 ou Abbado / Berliner Ph. (+ Abertura Trágica) - DG 429765-2 ou Knappertsbusch / Wiener Ph. - Orfeo 329931 ou Cantelli / Philharmonia O. - Testament 1173 ou Giulini / Phil. O. (+ Sinf. 2) - EMI 253667-2 (France).

- **Sinfonia nº 4:** Kleiber / Wiener Ph. (+ Schubert: Sinfonia nº 8, 'Inacabada' etc.) - DG 4775324 ou Reiner / Royal PO - Chesky 06 ou Szell / Cleveland O. (+ Aberturas) - Sony 46330 ou Karajan / Berliner Ph. (+ Variações Sobre um Tema de Haydn. Abertura Trágica) - DG 423205-4 (1964) ou Mravinsky / Leningrad PO (+ Sinfonia nº 2) - Melodya 1000801.

- **Concertos para Piano nºs 1 e 2:** Freire / Chailly / Gewandhaus O. - Decca 4757637 (2 CDs) ou Fleisher / Szell / Cleveland O. (+ Variações Haendel, Valsas Op. 39; Cinco Concertos para Piano de Beethoven) - Sony 180527 (5 CDs) ou Curzon / Szell / Knappertsbusch / London SO e Wiener Ph. - Decca 4781386 (2 CDs) ou Gilels / Jochum / Berliner Ph. - DG 'Originals' 4474202-2.

- **Concerto para Violino:** Perlman / Barenboim / Berliner Ph. - EMI 562598-2 ou Bell / Dohnanyi / Cleveland O. (+ Concertos para Violino de Tchaikovsky, Wieniawski e Schumann) - Decca (2 CDs) ou Mutter / Masur / New York PO - DG 457075-2.

- **Concerto Duplo para Violino e Cello:** Shaham / Wang / Abbado / Berliner Ph. - DG 469529-2 ou Kaler / Kliegel / Constantine / Ireland NOS - Naxos 8.550938.

- **Música de Câmara (Integral):** Hyperion 44331-42 (12 CDs) ou DG 4790378 (11 CDs).

DISCOGRAFIA SELECIONADA

- **Trios (Integral):** Beaux Arts Trio / Grumiaux, Orval, Sebok e Pieterse - Decca 'Duo' 4383652.

- **Quartetos para Piano nºs 1 e 3:** Hamelin / Leopold String Trio - Hyperion 67471-2 (2 CDs).

- **Quartetos para Cordas:** Quarteto Amadeus - DG 'Originals' 457707-2.

- **Quinteto para Piano:** Rubinstein / Quarteto Guarneri - 'Rubinstein Collection, Vol. 67' - RCA 63067-2 ou Virzaladze / Quarteto Borodin - Teldec 4509 97461-2.

- **Quintetos e Sextetos para Cordas:** Raphael Ensemble - Hyperion 66804 e 66276.

- **Quinteto para Clarinete:** King / Quarteto Gabrieli - Hyperion 66107 ou Leister / Berlin Soloists (+ Quinteto para Clarinete de Mozart) - Warner Apex 0927 44350-2.

- **Sonatas para Clarinete:** Peyer / Barenboim - EMI 636466-2.

- **Sonatas para Violino:** Suk / Katchen - Decca 'Legends' 466393-2.

- **Sonatas para Violoncelo:** Isserlis / Hough - Hyperion 67529.

- **Obras para Piano:** Katchen - Decca 455247-2 (6 CDs) ou Klien - Vox 5X3612 (5 CDs) ou Arrau - Philips 432302-2 (3 CDs) ou Lupu - Decca 4757070 (3 CDs).

- **Sonata para Piano nº 3:** Gelber (+ Variações Haendel) - Piano Classics 0006 ou Curzon - Decca 448578-2 ou Rubinstein (+ Baladas) - 'Rubinstein Collection, Vol. 63' - RCA 63063-2.

- **Peças para Piano, Op. 116 a 119:** Kempff - DG 'Galleria' 437249-2 ou Grimaud - Erato 06301 43502 ou Kovacevich - Philips 'Duo' 442589-2 (2 CDs).

- **Lieder:** Dieskau - EMI 64820-2 (6 CDs) ou Brilliant Classics 928913 (6 CDs).

- **Lieder:** Hotter / Moore - EMI 763198-2 ou Norman / Barenboim - DG 459469-2 (2 CDs).

- **Um Requiem Alemão:** Klemperer / Philharmonia O. - EMI 6783302 ou Abbado / Berliner Ph. - DG 437517-2 ou Gardiner / ORR - Soli Deo Gloria 706.

Bruckner

- **Sinfonias nºs 3 a 9. Missa nº 3. Te Deum:** Celibidache / Münchner PO - EMI 0855782 (12 CDs).

- **Sinfonias nºs 4, 5, 7, 8 e 9:** Wand / Berliner Ph. - RCA 86919 22952 (6 CDs).

- **Sinfonias nºs 3 e 8:** Haitink / Wiener Ph. - Philips 'Duo' 470434-2 (2 CDs).

- **Sinfonias nºs 3 e 4:** Böhm / Wiener Ph. - Decca 'Eloquence' 4803793.

- **Sinfonias nºs 4 e 9:** Walter / Columbia SO - Sony 515302-2 (2 CDs).

- **Sinfonia nº 4:** Jochum / Berliner Ph. - DG 'Originals' 449718-2 ou Tintner / Royal SNO - Naxos / 8.554128 ou Klemperer / Philharmonia O. / EMI 62816-2.

- **Sinfonia nº 5:** Sinopoli / Dresden SO - DG 469527-2 ou Wand / NDR SO - RCA 60361 ou Jochum / Concertgebouw O. - Philips '50' 464693-2.

- **Sinfonias nºs 6 e 7:** Haitink / Concertgebouw O. - Philips 'Duo' 473301-2.

- **Sinfonia nº 7:** Böhm / Wiener Ph. - DG 419858-2 ou Böhm / Bavarian RSO - Audite 95.494 ou Karajan / Berliner Ph. - DG 'Karajan Gold' 439037-2 ou Blomstedt / Dresden SO - Dal Segno 046 ou Harnoncourt / Wiener Ph. - Teldec 3984 24488-2 ou Tintner / Royal SNO - Naxos 8.554269 ou Haitink / Chicago SO - CSO Resound 901706 (SACD).

- **Sinfonia nº 8:** Karajan / Wiener Ph. - DG 'Originals' 4790528 (2 CDs) ou Böhm / Zurich TO - Palexa 0522 ou Mravinsky / Leningrad PO - Melodya 294022 ou Knappertsbusch / MünchnerPO - DG 471211-2 (2 CDs) ou Giulini / Wiener Ph. - DG 445529-2 (2 CDs).

- **Sinfonias nºs 8 e 9:** Jochum / Hamburg PSO - DG 449758-2 (2 CDs) ou Schuricht / Wiener Ph. - EMI 598420 (2 SACDs).

- **Sinfonia nº 9:** Karajan / Berliner Ph. - DG 'Galleria' 429904-2 ou Giulini / Wiener Ph. - 427345-2 ou Barenboim / Berliner Ph. - Teldec 0927 46746-2 ou Solti / Chicago SO - Decca 417295-2 ou Haitink / Concertgebouw O. - Philips 410039-2.

- **Missas nºs 1 a 3:** Best / Corydon Singers and Orch. - Hyperion 44071-3 (3 CDs) ou Jochum / Berliner Ph. (+ Te Deum etc.) - 46146-2 (4 CDs).

- **Te Deum:** Stephani / Phil. Hungarica (+ Verdi: Te Deum) - Warner 'Apex' 8573 89128-2.

A ORQUESTRA SINFÔNICA DO ROMANTISMO

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br



Johannes Brahms, por Eduardo Moctezuma

A orquestra era usualmente separada entre grupos de instrumentos de sopro, metais, percussão e cordas. Uma orquestra de câmara tinha aproximadamente 50 músicos, e a orquestra sinfônica variava de 80 a 100 membros. A orquestra obteve seus períodos de maior crescimento e modificação durante o Classicismo no século XVIII e o Romantismo no século XIX.

O Romantismo trouxe a incorporação permanente do naipe de metais, com vários avanços tecnológicos nos instrumentos, buscando alcance e volume de som, principalmente, além de maior expressão. Para o equilíbrio de volume e poder sonoro, o naipe de madeiras também sofreu transformações. E, em última consequência, o naipe de cordas teve um aumento gigantesco no número de músicos.

Johannes Brahms fazia parte do grupo de compositores que prestigiava as formas tradicionais de sinfonia. Em contrapartida, na segunda metade do século XIX, vários músicos procuraram desenvolver as formas de composição sinfônica e, conseqüentemente, a orquestra sinfônica, como Anton Bruckner, liderado por Franz Liszt, Richard Wagner e Hector Berlioz.

Além das combinações tímbricas e modificações na forma, algumas adições e expansões de instrumentos ocorreram, como a trompa wagneriana, que combina elementos da trompa e da tuba, aparecendo, nesse período, principalmente na música de Richard Wagner, como no ciclo de óperas 'O Anel dos Nibelungos', e na música de Anton Bruckner, em sua Sinfonia nº 7. ►

LINHA DO TEMPO - SINFÔNICA NO PÓS-ROMANTISMO

1824 - Nasce o compositor austríaco Anton Bruckner. Estreia, em Viena, a Sinfonia nº 9 em Ré Menor 'Coral', de Ludwig Van Beethoven.

1827 - Morre Beethoven.

1829 - 'A Paixão Segundo São Mateus', de Johann Sebastian Bach, é redescoberta e revivida por Felix Mendelssohn em Berlim.

1833 - Nasce o compositor alemão Johannes Brahms.

1846 - É instalada a iluminação elétrica na Ópera de Paris.

1847 - Morre Mendelssohn.

1864 - Bruckner compõe sua Sinfonia nº 0.

1868 - Brahms compõe seu Requiem Alemão.

1873 - Estreia a Sinfonia nº 2 de Bruckner, em Viena.

1874 - Brahms compõe 'Danças Húngaras'.

1876 - Brahms compõe sua Sinfonia nº 1.

1882 - Fundada a Orquestra Filarmônica de Berlim.

1885 - Brahms compõe sua Sinfonia nº 4.

1887 - Bruckner compõe 'Te Deum'.

1896 - Morre Bruckner.

1897 - Morre Brahms.

FORMAS DA MÚSICA SINFÔNICA NO PÓS-ROMANTISMO

As principais formas de composição orquestral e sinfônica usadas por Brahms e Bruckner na segunda metade do século XIX foram os concertos (como o 'Concerto para Piano nº 2' de Brahms), uma variedade de aberturas sinfônicas (como a 'Trágica' de Brahms e a 'Abertura em Sol Menor' de Bruckner) e a sinfonia (exemplificada pelas onze do repertório de Bruckner e as quatro de Brahms).

Abertura: inicialmente referia-se à introdução instrumental de uma ópera, mas durante a era do Romantismo, vários compositores pas-

saram a usar o termo para se referir a trabalhos instrumentais independentes, cuja forma era precursora dos posteriormente chamados 'Poemas Sinfônicos'.

Concerto: peça musical composta de três movimentos para um instrumento solo - normalmente piano, violino ou violoncelo - com acompanhamento pela orquestra.

Sinfonia: obra composta para toda a orquestra, em vez de apenas um ou poucos instrumentos, geralmente dividida em quatro movimentos.

CURIOSIDADES

- A notoriedade de Brahms e sua obra era tão grande que, no século XIX, muitas vezes ele era chamado de um dos 'Três Bs', juntamente com Johann Sebastian Bach e Ludwig Van Beethoven.

- Brahms era um perfeccionista nato, chegando a destruir vários de seus manuscritos e deixar de publicar várias de suas obras.

- Através de uma indicação, Brahms tornou-se grande amigo do compositor alemão Robert Schumann, até a sua morte, em 1856. Brahms, que tinha grande afeto pela pianista Clara, esposa de Schumann, dedicou-se a ela quase ao ponto de sacrificar sua carreira, em um dos mais misteriosos relacionamentos da história da música clássica.

- Durante a segunda metade do século XIX, ocorreu um período de diferentes estéticas musicais, chamado de 'Guerra dos Românticos', com os tradicionais Brahms e Clara Schumann de um lado, em Leipzig, e os progressistas Richard

Wagner e Richard Strauss, este da chamada Nova Escola Alemã, em Weymar.

- Compositor austríaco, o 'romântico tardio' Gustav Mahler costumava se referir a Anton Bruckner como 'Meio simplório, meio Deus'.

- Muitos biógrafos tinham dificuldade de definir Bruckner, pois falavam que sua vida não dizia nada sobre sua obra, e sua obra não dizia nada sobre sua vida.

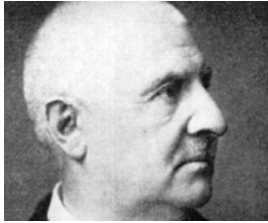
- Diz-se que Bruckner, com fama de simplório, após um ensaio de sua Sinfonia nº 4, procurou entusiasmado o maestro, o grande Hans Richter, e deu-lhe uma moeda dizendo: 'pegue esta moeda e tome uma cerveja à minha saúde'. Richter usou tal moeda pendurada na corrente de seu relógio para o resto de sua vida.

- Bruckner, que nunca se casou, tinha um interesse por mulheres bem jovens, e chegou a pedir algumas em casamento. Esse interesse chegou a provocar acusações de improbidade quando ele ensinava música. Apesar de ser exonerado de todas as acusações, Bruckner passou a ter apenas garotos como alunos.

MUSICIAN - BIBLIOGRAFIA

22
ANOS
AMAG

PRINCIPAIS COMPOSITORES DO PIANISMO NO ROMANTISMO



Anton Bruckner: nascido em Ansfelden, na Áustria, em 1824. Começou os estudos de música com seu pai, aprendendo a tocar órgão ainda criança. Católico, foi enviado ao seminário, onde estudou também canto e violino. Na sequência, assumiu uma posição como professor assistente em uma escola em Windhaag e Kronstorf e, em 1845, voltou ao seminário como professor e organista. Em 1868, assumiu como professor de teoria musical no Conservatório de Viena. Faleceu em 1896, aos 72 anos, em Viena, onde, por suas instruções, foi embalsamado.



Johannes Brahms: nascido em Hamburgo, na Alemanha, em 1833. Seu pai músico e multi-instrumentista foi seu primeiro tutor musical, começando a tocar piano aos sete anos de idade e ajudando a sustentar a família. Porém, tornou-se um pianista conhecido apenas aos 19 anos, procurando sempre tocar alguma parte ou reger as apresentações de suas obras. Ainda jovem, tornou-se amigo próximo dos compositores Franz Liszt e Robert Schumann, assim como de sua esposa, Clara Schumann, a quem se dedicou durante boa parte de sua vida. Faleceu em 1897, aos 63 anos, de câncer, em Viena. ■

PROMOÇÃO: CD *Timbres*

CAVI
RECORDS



R\$ 20,00
sem frete incluso

Adquira já pelo e-mail: revista@clubedoaudio.com.br

Venha conhecer o maior acervo high-end vintage, LPs e CDs audiófilos do Brasil!



HIGH-END - HOME-THEATER



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



SEÇÃO VINTAGE



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS



REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Kharma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics



Rua Eng. Roberto Zuccolo, 555 - Sala 94 - São Paulo/SP
No ITM-EXPO, junto ao Cebolão/ Ponte dos Remédios/ CEAGESP
Tel.: 11 2117.7512/ 2117.7200

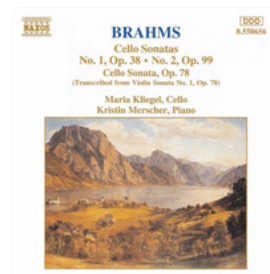
WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR



ROMANTISMO - A MÚSICA SINFÔNICA NO PÓS-ROMANTISMO - VOL. 5

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Com a chegada de nossas compilações a grandes compositores do Romantismo, como Johannes Brahms e Anton Bruckner, o trabalho de seleção das obras, execuções e faixas, a partir do acervo do selo Naxos, torna-se ao mesmo tempo mais fácil e mais difícil. É fácil, porque a riqueza de repertório de primeira grandeza e beleza é notória, assim como minha predileção pela música do período. E é difícil, porque um CD é pequeno para Brahms e Bruckner, assim como um CD seria pequeno demais para cada um deles, ou um porta CD seria pequeno para um deles! Além da riqueza das obras, outro fator é a extensão delas, já que quase qualquer movimento de uma sinfonia ou concerto do Romantismo é bem mais longo do que era no Barroco ou mesmo no Classicismo. Esperamos, aqui, poder exemplificar bem a extensão e a grandeza romântica do trabalho do tradicional alemão Johannes Brahms em comparação com o progressista austríaco Anton Bruckner.



FAIXA 1 - JOHANNES BRAHMS (1833-1897) - SONATA PARA VIOLONCELO Nº 1 EM MI MENOR - III. ALLEGRO (1865) - (NAXOS 8.550656, FAIXA 3)

Dividida em três movimentos e com o título completo de Sonata para Piano e Violoncelo, foi composta por Brahms no período de 1862 a 1865, e dedicada ao professor de canto e violoncelista amador Josef Gänsbacher. Diz-se que, em uma apresentação para amigos, Brahms tocou tão forte seu piano que Gänsbacher reclamou que não estava ouvindo seu violoncelo. 'Sorte sua também!', teria respondido o compositor.

Após ter sua partitura recusada pela mais antiga editora de música do mundo, a Breitkopf & Härtel, Brahms enviou a partitura para publicação pelo editor alemão Fritz Simrock, com o comentário de que era uma sonata 'certamente não difícil de tocar'. Simrock, que se tornou grande amigo de Brahms, acabou por publicar a maioria esmagadora de suas obras. O terceiro movimento desta obra, o Allegro, tem várias seções em 'fuga', um estilo de composição onde o tema é repetido pelas duas vozes, sucessivamente e de maneira entrelaçada.



FAIXA 2 - JOHANNES BRAHMS (1833-1897) - SINFONIA Nº 1 EM DÓ MENOR - I. UN POCO SOSTENUTO - ALLEGRO (1876) - (NAXOS 8.557428, FAIXA 1)

Segundo Brahms, sua primeira sinfonia levou 21 anos desde os primeiros rascunhos até ser completada e estreada em 1876, no Grão-Ducado de Baden, na Alemanha, regida por Felix Otto Dessoff, amigo do compositor. Os dois motivos mais aceitos para tal demora são, primeiramente, a autocrítica ferrenha de Brahms, que o fez, inclusive, destruir vários de seus primeiros trabalhos. O segundo motivo é a cobrança sobre o compositor para continuar o legado de Beethoven, produzindo uma sinfonia que tivesse o escopo intelectual e a dignidade dos trabalhos do mestre alemão. Na época, chegou-se a apontar similaridades entre a Sinfonia nº 1 de Brahms e a obra de Beethoven, como semelhanças de temas e ritmos, sendo até chamada pelo célebre maestro Hans von Bülow de "10ª de Beethoven". Brahms, irritado, sentia tais comentários como se fossem acusações de plágio.



FAIXA 3 - ANTON BRUCKNER (1824-1896) - SINFONIA Nº 4 EM MI BEMOL MAIOR 'ROMÂNTICA' - III. SCHERZO: BEWEGT (1881) - (NAXOS 8.554128, FAIXA 3)

A Quarta Sinfonia é uma das obras mais populares de Bruckner, assim como uma das mais modificadas, com nada menos que oito versões, sendo uma delas uma reorquestração feita pelo compositor e maestro Gustav Mahler. O terceiro movimento aqui apresentado é extraído de uma gravação da versão de 1881, também conhecida como a Edição Haas, publicada em 1936, com base no manuscrito de Bruckner que está no acervo da Biblioteca Nacional Austríaca.

Estudiosos da obra de Bruckner, entretanto, reconhecem que existem três versões gerais para essa obra, como a primeira, de 1874, a segunda, que agrupa as versões de 1878, 1880, 1881 e 1886, e a terceira edição, que agrupa as versões de 1887 e 1888. Até 1935, a versão mais tocada e aceita era a última, de 1888; porém, com a Edição Haas, em 1936, uma polêmica surgiu, levantando dificuldades de autenticação das várias modificações feitas por Bruckner e suas publicações. Essa situação levou até à publicação de livros por musicólogos sobre o que passou a ser chamado de 'O Problema Bruckner', pois o mesmo atinge várias de suas obras e não apenas a Quarta Sinfonia.



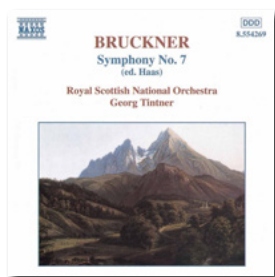
FAIXA 4 - JOHANNES BRAHMS (1833-1897) - CONCERTO PARA PIANO Nº 2 EM SI BEMOL MAIOR - II. ALLEGRO APPASSIONATO (1881) - (NAXOS 8.554089, FAIXA 2)



DISCOGRAFIA



Brahms fez apenas dois concertos para piano, e este, o segundo, 22 anos após o primeiro. Finalizado em três anos, quando o compositor vivia em Pressbaum, perto de Viena, é dedicado ao seu professor, o compositor e pianista alemão Eduard Marxsen. Após sua estreia, em 09 de novembro de 1881, em Budapeste, tornou-se um imediato sucesso na Europa. Composto para quatro movimentos, o que não era usual para a época do Romantismo, esse grandioso concerto chegou a ser descrito por Brahms como 'algumas pequenas peças para piano'. É um dos mais interpretados concertos para piano do repertório romântico.



FAIXA 5 - ANTON BRUCKNER (1824-1896) - SINFONIA Nº 7 EM MI MAIOR - IV. FINALE: BEWEGT, DOCH NICHT SCHNELL (1883) - (NAXOS 8.554269, FAIXA 4)

Com apenas três edições e duas versões, esta sinfonia de Bruckner foi dedicada ao Rei Luis II da Baviera e estreou em Leipzig, com a prestigiosa Gewandhaus Orchestra, regida por Arthur Nikisch, em dezembro de 1884, sendo a obra de maior sucesso de toda a carreira de Bruckner. O quarto movimento, 'Finale', apresentado aqui, é uma recapitulação dos temas dos outros movimentos, em ordem reversa, uma forma muitas vezes chamada de 'forma de sonata trágica'.

Após a estreia da obra, em 1883, a primeira edição publicada, com modificações, foi em 1885, sobre a qual se admite que houve a interferência dos maestros Arthur Nikisch, Franz Schalk e Ferdinand Löwe, mas não se sabe o que foi realmente autorizado por Bruckner. A versão aqui apresentada é a Edição Haas, de 1944, na qual Robert Haas tentou remover a influência dos citados maestros em busca da concepção original de Bruckner.



FAIXA 6 - JOHANNES BRAHMS (1833-1897) - SINFONIA Nº 4 EM MI MENOR - IV. ALLEGRO ENERGIKO E PASSIONATO - PIU ALLEGRO (1885) - (NAXOS 8.570233, FAIXA 4)

Última de suas sinfonias, Brahms começou a trabalhar nela um ano após finalizar a Terceira Sinfonia, terminando dois anos depois, em 1885, quando a estreou em Meiningen, na Alemanha, sob sua própria regência. O quarto movimento, apresentado aqui, é um exemplo notável de uma 'Passacaglia' em forma sinfônica. O tema é repetido constantemente no baixo e também em outras vozes, o qual foi adaptado por Brahms do movimento final da cantata 'Nach Dir, Herr, Verlanget Mich', de Johann Sebastian Bach. Além disso, a sinfonia está cheia de alusões à composições de Beethoven e de outros compositores.



FAIXA 7 - ANTON BRUCKNER (1824-1896) - SINFONIA Nº 9 EM RÉ MENOR - II. SCHERZO: BEWEGT, LEBHAFT (1896) - (NAXOS 8.554268, FAIXA 2)

Último trabalho de Bruckner, dedicado por ele a 'Deus todo poderoso', a Nona Sinfonia foi deixada com o quarto movimento incompleto pelo compositor no ano de sua morte, em 1896. Normalmente apresentada sem nenhum tipo de finalização - apenas os três primeiros movimentos - a sinfonia estreou somente em 1903, sob a regência do maestro Ferdinand Löwe. O movimento aqui apresentado, o scherzo, é muitas vezes citado como profético dos avanços harmônicos do século XX, por sua ambiguidade tonal.

No caso desta sinfonia, a maioria das versões disponíveis refere-se às tentativas de finalizar a obra. A primeira edição oficial, de 1906, foi bastante modificada, sem autorização, por Ferdinand Löwe. A Edição Orel, de 1932, foi a primeira a tentar reproduzir aquilo que Bruckner realmente escreveu. A versão apresentada aqui é a Nowak, de 1951, que é uma reimpressão fiel da Edição Orel. ■



PROMOÇÃO CD HISTÓRIA DA MÚSICA: SINFÔNICA NO PÓS-ROMANTISMO - VOL. 05

A Editora AVMAG disponibilizará também para você esse mês, que não adquiriu na época de lançamento, este CD para quem enviar um e-mail para:

- revista@clubedoaudio.com.br -

O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de Sedex.

NÃO PERCA ESSA OPORTUNIDADE!! - promoção válida até o término do estoque.

OUÇA UM MINUTO DE CADA FAIXA DO CD
HISTÓRIA DA MÚSICA: PÓS-ROMANTISMO - VOL. 05:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07

COLEÇÃO MUSICIAN HISTÓRIA DA MÚSICA CLÁSSICA

A Editora AVMAG dará a oportunidade para você, que na época do lançamento, não conseguiu adquirir a coleção completa em CD.

Para isso, basta enviar-nos um e-mail, com essa solicitação.
O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de SEDEX.

NÃO PERCA TEMPO!!!



Adquira já pelo e-mail
revista@clubedoaudio.com.br

EDITORA
AVMAG

Fusíveis

Uma Solução Muito Interessante

► Fernando Andrette



Depois de tantos anos na estrada, já me acostumei a tomar paulada de todos os lados.

Dizem que as primeiras são as mais doloridas. Eu sinceramente não sei dizer qual foi a que doeu mais. Sei, no entanto, as que ocasionaram maior repercussão ou “respostas iradas” (como diria meu filho).

Lembro-me que nas primeiras edições da revista, em 1996, quando começamos a publicar resenhas de discos com o respectivo Palco Sonoro, uma legião de consumidores se indignou com o nome (Palco Sonoro), dizendo que aquilo era pura invenção terminológica, sem pé nem cabeça. Tentei defender-me afirmando que nossos irmãos portugueses já utilizavam este termo há pelo menos uma década, nos excelentes artigos da revista Audio Portuguesa do amigo Jorge Gonçalves. Mas não teve jeito. Depois vieram as críticas referentes à nossa metodologia e, principalmente, em relação a termos como: Corpo Harmônico e Organicidade.

Mas, talvez o ápice das críticas tenha ocorrido quando defendemos a importância dos cabos de força para o ajuste fino de sistemas ouro e diamante.

Os primeiros Cursos de Percepção Auditiva tratando do assunto foram realmente muito “calorosos”, com alguns dos participantes

levantando no meio da apresentação, dizendo que deveríamos estar manipulando o resultado para ocorrer tamanha diferença entre os diferentes cabos.

Alguns já vinham pré dispostos a duvidar de nossa imparcialidade, mas, com o passar dos anos, cabo de força deixou de ser um tema polêmico e arriscaria dizer que já foi assimilado pela maior parte dos nossos leitores.

Porém, a função do articulista de áudio de pesquisar e verificar possibilidades de novos *upgrades* continua infinitamente.

No momento me debruço sobre a importância dos fusíveis no tratamento da rede elétrica e dos próprios equipamentos.

Com a ajuda do engenheiro Ulisses, da Sunrise Laboratórios, do leitor Michael e do distribuidor da Furutech no Brasil – Stefo Jabra, consegui uma série de fusíveis bastante interessantes (Cobre OFC, Prata, Cerâmica e Rhodium).

Em breve escreverei um artigo completo em relação as minhas observações feitas nos últimos dois anos. No entanto, gostaria de adiantar a todos os leitores que se interessam por este tipo de abordagem, que os resultados sônicos são impressionantes!

E a cada dia me convenço ainda mais que

fusíveis têm uma escala de importância tão grande quanto a instalação elétrica e acústica.

Eles interferem no equilíbrio tonal, no Palco Sonoro, no silêncio de fundo e até na resposta de transientes e dinâmica.

E o mais interessante é que as diferenças são muito audíveis (mesmo para o leigo).

Para comprovar minha tese, pedi a um amigo totalmente avesso a audiofilia (mas com uma excelente cultura musical), que escutasse uma gravação de piano que ele gosta muito (pois pede para escutar toda vez que me visita), por três vezes.

Depois que ele se acostumou, troquei os dois fusíveis do AC Organizer LC 311, e voltei a repetir a música. Não foi necessário mais do que 1 minuto para ele manifestar seu desconforto com a dureza das notas agudas e com a perda de velocidade entre a mão esquerda e direita do músico. Troquei novamente os dois fusíveis e pedi para ele dar sua opinião. Ele ficou surpreso com a melhora geral em todos os aspectos e resumiu sua aprovação com o termo “encaixe”. Pediu-me que eu voltasse o primeiro par de fusíveis para definir qual lhe agradava mais.

Ele ficou surpreso como o terceiro par era muito

mais correto, ajeitando tudo sem perder nenhuma das características positivas do primeiro par de fusíveis.

Estou aguardando apenas os fusíveis de cerâmica importados (pois os que tenho no momento são nacionais) para escrever o artigo. Pressinto que em breve criaremos mais uma polêmica no mercado.

Felizmente já estamos vacinados e preparados para encarar mais uma rodada de “discussões calorosas”.

Como sei que muitos leitores não irão esperar nosso artigo, vou dar uma dica, os que possuem um bom condicionador de energia (qualquer marca), descubram o tipo de fusível que seu filtro de linha utiliza e procurem algumas opções comercializadas pela Farnell (11) 4066-9400. No meu caso, o AC Organizer utiliza o de código 535047. O custo por unidade é de R\$1,00 (só que eles só vendem de dez unidades para cima e o frete (pois o produto é importado da Alemanha) é de R\$ 7,00.

Você irá gastar de 17 a 20 reais, amigo leitor, para descobrir a importância de se fazer um *upgrade* também nos fusíveis de seu sistema.

Os que quiserem arriscar, por favor depois nos mandem suas avaliações, pois busco o maior número possível de depoimentos para fechar o artigo. ■

Nossa nova série de cabos não recebeu esse nome por acaso. Ele realmente é uma referência e sua sonoridade é mágica!



**Cabo de Interconexão
Reference Magic Scope**



**Cabo de caixa acústica
Reference Magic Scope**

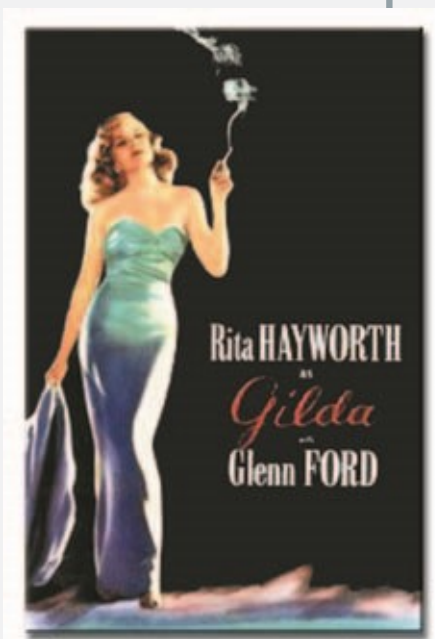


**Cabo Digital
Reference Magic Scope**

A Sunrise Lab ao desenvolver sua nova linha Reference Magic Scope, tinha como objetivo primordial possibilitar a todos um cabo Estado da Arte de alta compatibilidade e com um custo justo e acessível a todos. Se você deseja um upgrade seguro e definitivo para o seu sistema, ouça-os.

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

.....Dá para Ser Um Pouco Menos Explícito?



O *strep tease* mais famoso do cinema americano, mostrava Rita Rayworth retirando apenas as luvas. Nos dias de hoje, o público se contentaria só com as luvas?

► Fernando Andrette

Era muito raro ver meu pai contar uma piada ou sair-se com uma tirada para descontrair uma roda de audiófilos.

Geralmente ele mais ouvia do que falava.

Era um traço de sua personalidade muito forte que, por ser natural, era respeitada pelas pessoas.

Não me lembro nunca dele ser molestado, por ficar quieto ou pouco participar dos embates que, na maioria das vezes, acabavam em discussão acirrada.

Mas era ao se retirar desses encontros calorosos, que eu podia conhecer sua opinião, pois geralmente ao voltarmos para casa ele puxava conversa e dizia tudo que pensava.

Às vezes eu tinha a sensação que ele nem me notava, e estava a conversar consigo mesmo em voz alta.

Outras vezes, parecia estar interessado em ouvir minhas observações, e me fazia uma série de perguntas.

Só com o passar dos anos é que eu compreendi seu comportamento. Se ele falasse apenas consigo mesmo, estava avaliando sua opinião pessoal a respeito do tema, pois certamente algumas informações eram de enorme importância para ele. E, se todas as perguntas fossem dirigidas a mim, ele

só queria saber o que eu havia assimilado daquele encontro.

Claro que comecei a prestar muito mais atenção nas suas divagações em voz alta, pois entendi que, se eram novidades para ele, também seriam de suma importância para mim.

Estávamos quase no começo dos anos 80, o Tape Deck havia tomado de assalto o espaço do gravador de Rolo. Era uma febre, e todos queriam comprar o modelo mais atualizado. Como tínhamos a barreira da reserva de mercado, era preciso viajar ao exterior e trazer debaixo do braço o modelo mais recente. As marcas preferidas dos audiófilos eram Akai, Pioneer e Sony.

Meu pai era um admirador da marca Akai, e não escondia isso de ninguém.

E esse era um ótimo motivo para tirá-lo de casa: ser convidado para ouvir um novo modelo deste fabricante.

Quando ele chegava na sexta feira à noite do trabalho, com um sorriso no rosto, eu sabia que faríamos visita no sábado ou no domingo.

E se conseguíssemos ser liberados da missa dominical pela minha mãe, era realmente um fato

muito importante. E foi exatamente o que aconteceu.

Às 9 horas em ponto estávamos na casa do sr Amadeu, que morava na Lapa .

De todos os clientes do meu pai, este senhor era sem dúvida o que possuía o melhor sistema de todos.

A cada dois anos ele trocava todo o sistema, e geralmente ele acertava, conseguindo saltos consistentes em suas configurações.

A novidade era um Tape Deck recém lançado Akai (que eu não consigo lembrar de maneira alguma o modelo) ainda deitado (sim amigo leitor, as primeiras gerações de Tape Deck eram todos deitados, e os controles eram virados para cima, como em uma mesa de gravação).

O Akai possuía controle de velocidade, um novo sistema Dolby para eliminar o ruído e aceitava trabalhar com fitas de cromo puro.

Ele primeiro nos mostrou uma fita demo da própria Akai, que vinha com o gravador, e pudemos ouvir trechos de obras sinfônicas. Meu pai ouviu, pediu para ouvir de novo e depois de quase meia hora de audição se deu por contente e não disse nada.

Saímos de lá, e meu pai continuou calado. Só quando chegamos em casa, perguntei o que ele tinha achado. Antes de responder, ele quis saber minha opinião. Disse a ele que tinha me impressionado com a quantidade de informações adicionais que havia escutado pela primeira vez, e com a facilidade com que consegui escutar passagens que nunca entendera antes.

Quando acabei minha rápida explicação, ele me cortou e disse, "pois eu achei explícito demais!"

Não consegui me concentrar em nenhum momento, e a música parecia mais um caleidoscópio de frases soltas que uma sinfonia.

E por fim, quase que sussurrando, desabafou: se o high-end for por este caminho, eu não quero viver para ouvi-lo.

Em muitos momentos de sua vida, meu pai me disse que a humanidade não deveria perder o gosto pelo sutil, pelo que se esconde atrás das palavras, pois do contrário ela perderia a capacidade de sonhar e descobrir a magia de ler um livro ou sentir uma poesia. Para ele o explícito era um risco que deveríamos evitar a qualquer custo, pois ele parece atraente no primeiro momento, mas nos torna anestesiados com o passar do tempo, levando-nos a perder o encanto pelo simples e pelo belo.

Hoje, quando escuto sistemas pirotécnicos que não nos deixam espaço nem para respirar, lembro-me imediatamente do semblante carregado de meu pai quando discutíamos o futuro do High-End.

Talvez o seu silêncio nas rodas audiófilas já fosse um prenúncio do que ele avistava no horizonte. ■

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Juan Lourenço

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronides Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.wcjrdesign.com

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AVMAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AVMAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudiovideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AVMAG

VENDO

- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital RCA - 1 m (com caixa) - R\$ 3.900.

- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital USB - 1 m (com caixa) - R\$ 4.300,00

- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital DIN 3 pinos - 1 m (sem caixa) - R\$ 3.900

- Cabo de caixa Chord Company Sarum banana x banana - 3 m (com embalagem original) - R\$ 17.200

Allan

allanhiend73@gmail.com



1.

VENDO

1. Fone Sennheiser HD 800, semi-novo, U\$ 970. Teste na ed. 224, da revista.

Editora CAVI

(11) 5041.1415

fernando@clubedoaudio.com.br

VENDO

- DCS Paganini - três peças (DAC + Transporte + Clock) 220 V - comprado em 2008, na Ferrari Technologies. Possui caixa com manual e controle remoto. Testado na edição 131 da Revista AVM. Interconnects VDH entre as três peças + 03 Cabos de força cabo de força Transparent Power Link MM de 1,5 m. R\$ 95.000.

Andrés Kokron

(11) 98584.3351

avvkokron@gmail.com

1.



VENDO

1. Koetsu Rosewood Signature Platinum. U\$ 7.495.

2. Cabo Ortofon Reference Black. R\$ 2.800.

3. Toca-discos Air Tight T-01 sem braço e sem cápsula. R\$ 25.000.

4. Braço Jelco. R\$ 5.800.

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

2.



3.



4.



VENDO

- CD SACD Player Accuphase DP-720, considerado melhor CD Player integrado do mundo pela revista Stereoplay Alemã. Menos de 1 ano de uso, aparelho está como zero, 120 V, 28 Kg. R\$ 38.000.

- Aurender A10 Music Server e Player, 4TB, 120GB, 120V. Lançamento da Aurender, estado de zero. R\$ 24.000.

- CD Player Hegel Mohican, 120 V. Lançamento da Hegel, aclamado mundialmente por todas publicações especializadas, estado de zero. R\$ 13.800.

- Cabo de Caixa Kubala Sosna Elation, 2,5 metros. R\$ 14.000.

Valdeci Silva

(44) 99957.6906

valdeci.vgds@gmail.com

A proteção do seu sistema



Condicionador



Condicionador Estabilizado

Módulo Isolador



UPSAI
sistemas de energia

vendas@upsai.com.br / www.upsai.com.br / 11 - 2606.4100



O MELHOR SOM ALIADO A MAIS ALTA TECNOLOGIA



NOVA LINHA DE RECEMERS YAMAHA AVENTAGE RX-Ax70

A nova linha de Receivers AV Yamaha AVENTAGE RX-Ax70 apresenta o que existe de melhor em áudio e em vídeo.

Além das tecnologias Dolby Atmos e DTS:X aprimorando a imersão sonora em até 7.2.4 canais* com áudio tridimensional, agora os receivers possuem HDR e o padrão Dolby Vision que conferem cores mais vívidas e maior extensão de contraste juntamente com upscaling para 4K Ultra-HD.

A linha AVENTAGE é capaz de reproduzir os detalhes mais sutis do áudio e imagem de alta definição para a mais impressionante experiência de cinema dentro de sua casa.

Explore a melhor qualidade sonora com a maior quantidade de recursos Yamaha.

*RX-A3070

AVENTAGE



Baixe o aplicativo MusicCast



MusicCast
musiccast.yamaha.com.br